



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Representações de famílias e formação profissional para calouros de Psicologia

Lucas Rossato

UBERABA-MG
2017

Lucas Rossato

Representações de famílias e formação profissional para calouros de Psicologia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Família

Orientador: Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro

UBERABA-MG
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

Rossato, Lucas
R739r Representações de famílias e formação profissional para calouros de
psicologia / Lucas Rossato. -- 2017.
99 f. : il., fig., tab.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) -- Universidade Federal do Tri-
ângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017
Orientador: Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro

1. Psicologia social. 2. Relações familiares. 3. Processos grupais.
4. Capacitação profissional. I. Santeiro, Tales Vilela. II. Universidade
Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 316.6

APOIO FINANCEIRO

Este estudo recebeu apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), com bolsa de mestrado no período de Agosto de 2015 a Julho de 2017.



FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS ROSSATO

Representações de famílias e formação profissional para calouros de Psicologia

Data da aprovação: ___/___/___

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Prof. Dra. Tatiana Machiavelli Carmo Souza
Universidade Federal de Goiás

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

Aos meus pais, que não mediram esforços para que tudo fosse possível sempre. Jamais poderei lhes retribuir o amor, apoio e dedicação. Vocês estiveram juntos na escalada, incentivando cada passo dado, falando para manter a fé e juntos chegamos até aqui. Essa é uma conquista nossa. Seus sonhos foram meus sonhos. Conseguimos voar muito longe e, se Deus permitir, ainda voaremos muito mais.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo auxílio financeiro que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa, a participação em eventos científicos e a dedicação exclusiva aos estudos.

À Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), pelo auxílio e pelas oportunidades proporcionadas à minha formação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFTM, pelas oportunidades de aprendizado, pelo empenho em formar profissionais qualificados.

Ao meu orientador, Dr. Tales Vilela Santeiro. Eu não sei como descrever a relação que estabelecemos ao longo de tantos anos. Só sei dizer que a vida constrói estradas com várias pedras no meio do caminho, mas coloca pessoas como o senhor, humildes, dedicadas e cheias de carinho que nos auxiliam a remover cada uma delas. Meus sentimentos pelo senhor são de respeito, admiração e muita gratidão. Obrigado por ensinar a humildade acima da prepotência, a recuar e admitir o erro, a ser gentil e empático, a ter sensibilidade e tratar o outro sempre com educação e dignidade, que relações afetivas são maiores que qualquer relação profissional, que não podemos nos abater com o primeiro não. O senhor esteve na minha primeira apresentação de trabalho (afinal o senhor viu meu pôster no Encontro da ABEP), me orientou na primeira iniciação científica, escreveu junto meu primeiro artigo publicado, foi meu colega de profissão no meu primeiro emprego formal, na UFG, e esteve junto na conquista do mestrado. Diante disso, meu eterno muito obrigado e orgulho por ter estado ao seu lado. *“Nada vai permanecer, no estado em que está. Eu só penso em ver você. Eu só quero te encontrar. Geleiras vão derreter. Estrelas vão se apagar... E eu pensando em ter você, pelo tempo que durar. Coisas vão se transformar... para desaparecer. E eu pensando em ficar... a vida a te transcender. E eu pensando em passar... pela vida com você.”* (Marisa Monte, Pelo Tempo que Durar).

Ao coordenador do PPGP/UFTM, Dr. Fabio Scorsolini-Comin, e à vice coordenadora, Dra. Sabrina Martins Barroso, pela dedicação e empenho na condução das atividades administrativas do programa.

Aos professores do PPGP da UFTM, pelos ensinamentos, apoio, companheirismo e paciência. Obrigado a cada um de vocês pelo esforço empreendido na construção do nosso programa e por terem feito parte da minha caminhada.

Às professoras Dra. Cibele Alves Chapadeiro, Dra. Conceição Aparecida Serralha, Dra. Fernanda Rodrigues de Oliveira Penaforte, Dra. Marta Regina Farinelli, Dra. Martha Franco Diniz Hueb e aos professores Dr. Fabio Scorsolini-Comin e Dr. Rafael De Tilio, com os quais tive a oportunidade de vivenciar experiências importantes da minha formação. Vocês são exemplos de competência profissional, dedicação, compromisso e seriedade, além de pessoas maravilhosas que me engrandeceram enquanto ser humano. Obrigado pelo carinho com que sempre me trataram.

À Dra. Sabrina Martins Barroso pelos ensinamentos e amizade. Obrigado pelo carinho, conselhos, cafés, jantares, idas ao cinema, ironias, sarcasmo e por me mostrar que o importante é não deixar morrer a criança que existe dentro de nós. Eu que ao chegar pensei que você estava do lado Dark da Força, acabei descobrindo seu verdadeiro lado de Mestre Yoda.

À Luciana Caetano de Moura Veludo, pela dedicação, por sempre ser prestativa e solícita com tudo que foi preciso. Você foi uma pessoa querida que tive a oportunidade de conviver. Saiba que te admiro pela profissional competente e dedicada que és.

Aos estudantes participantes da pesquisa, que estiveram durante um semestre conosco, compartilhando e construindo saberes. Muito obrigado a todos vocês, sem suas colaborações nada disso seria possível. Espero que este trabalho possa ter contribuído de alguma forma em suas formações profissionais. Desejo que vocês se tornem ótimos psicólogos, pautados na ética, na teoria, na técnica e atentos ao compromisso social de nossa profissão. Que a participação

nesta pesquisa possa contribuir para o trabalho com as diferentes possibilidades de ser família, respeitando as diferenças e acolhendo todos aqueles que precisarem de acolhimento.

A todos meus colegas de mestrado, em especial à Maria Carolina Fregonezi Gonçalves Barbosa (Caru), Mariana Silva Cecílio (Mari), Patrícia Paiva Carvalho (Paty Alexandra Windsor. Primeira Ministra), Deise Coelho de Souza (Miss Deise), Luísa Parreira Santos (Lulis) e Vivian Fukumaso da Cunha (Vivs). Obrigado por tudo o que vocês foram e são na minha vida. “...*Eu tenho tudo o que preciso quando vocês estão comigo. Eu olho à minha volta, e vejo uma vida boa. Quando estava preso no escuro vocês foram minha lanterna. Vocês me guiaram pela noite...*”. (Jessie J. *Flashlight*). **Caru.** Você foi minha irmãzinha do coração que esteve comigo em todos momentos que mais precisei, me acolhendo e dando suporte. Te amo muito e sempre terá um lugar no meu coração. **Mari.** Quantas emoções vividas ao seu lado, quantas risadas, lágrimas, coisas reveladas, beijos e abraços intensos. Você é amor, carinho, companheirismo, conforto, desespero e acolhimento. Você é intensa como só você sabe ser. Que possamos preservar nosso amor e amizade por longos anos. **Miss Deise.** Me sinto especial por ter compartilhado com você o mestrado e tantas outras divididas em casa. Você é a força e a coragem que precisei para enfrentar as dificuldades, foi meu ombro amigo que mostrou que posso encontrar o pote de ouro no fim da jornada. Você é sonho e realidade, é a esperança que um dia dará tudo certo. Obrigado por vir na hora certa, por ser essa pessoa incrível que és. Te admiro muito. **Paty.** Minha Primeira Ministra. O amor que sinto por você é do meu tamanho para maior. Como não amar uma pessoa que me chama de reizinho? Eu tenho uma gratidão enorme por ter me tornado seu amigo e ter vivido tantos bons momentos ao seu lado. Obrigado por todos os abraços fofinhos proporcionados. Você é uma das pessoas iluminadas que não se encontram mais em qualquer lugar. Te amo. **Luísa.** Minha Deusa, minha “curandora”, minha parceira de colegiado. Você esteve comigo em todos os adoecimentos do mestrado (e olha que não foram poucos), e também em muitos momentos maravilhosos. Obrigado por toda gentileza, pelo carinho, cuidado e ensinamentos. Te amo muito! Você é muito especial. **Vivian.** Você me cativou com o passar do tempo, me fez desenvolver um afeto muito grande e que me faz tê-la como alguém muito especial e que foi muito importante no mestrado. O gelo se transforma calor para aqueles que são alquimistas do amor. Te amo de montão coisinha linda. Obrigado pelos momentos partilhados.

Aos meus pais, Vandir Antônio Rossato e Eli Terezinha Rossato, que fizeram o possível e o impossível para que eu pudesse estudar e sempre falaram que a única forma de mudar nossa realidade seria por meio dos estudos. Nunca esquecerei de vocês dizendo: “– *Daremos a vocês tudo o que for possível e o que nunca pudemos ter... a oportunidade de estudar e mudar nossas vidas. Sofremos muito e vocês não passarão o mesmo!*” E assim fizeram... Nunca faltou nada! Mãe, eu sei que cada viagem de estudos era deixar você sem dormir, preocupada... e isso me cortava o coração. Não esquecerei quando chorou ao me deixar morar em São Paulo, com medo do que pudesse ocorrer, mas ao mesmo tempo sabendo que era necessário continuar os estudos. Veja! Deus sempre esteve ao nosso lado, chamado por suas orações. Apesar de tantos quilômetros rodados, nas idas e voltas para Jataí-GO, nunca aconteceu nada e sempre cheguei em casa bem e salvo para receber seus abraços afetuosos. Pai, você que se orgulhava com cada uma das minhas conquistas, que ficava feliz em ver os certificados que eu trazia para casa como se fossem seus, você que aprendeu a me abraçar em cada chegada e em cada partida... você é meu orgulho, meu herói. Você talvez seja a pessoa “casca grossa” mais bondosa que eu tenha conhecido e que aprendi a entender a partir de minha formação em Psicologia. Vocês dois são a demonstração de amor incondicional, tudo o que eu tenho de mais importante em minha vida minha base e para onde eu sei que posso voltar a qualquer momento. Obrigado por serem estas pessoas honestas, humildes, carinhosas, pais exemplares e amorosos. A essência de vocês estará comigo para sempre.

À minha irmã Viviane Rossato Fagundes, que me ensinou desde pequeno a amar os estudos, me ensinou a ler e separar as sílabas. A você, que na minha primeira visita a biblioteca gritou a data do meu nascimento da janela da sua escola para que eu pudesse fazer o cadastro, pois eu não sabia o dia do meu aniversário... nunca mais esqueci... nunca mais deixei de ler... e assim cheguei até aqui. Sem você o caminho teria sido muito mais difícil. Obrigado por sempre estar ao meu lado, mesmo distante. Mesmo separados, nossos corações estão perto. *“Sim, quando meu mundo está caindo aos pedaços...E não há luz para quebrar a escuridão... É quando eu, eu, eu olho para você. Quando as ondas estão inundando o litoral e eu não consigo encontrar o meu caminho de casa... É quando eu, eu, eu olho para você. Quando eu olho para você, eu vejo o perdão, eu vejo a verdade. Você me ama por quem eu sou. Como as estrelas seguram a lua, bem ali, onde elas fazem parte, e eu sei... Eu não estou sozinho”.* (Miley Cyrus - When I look at You). Obrigado por segurar as pontas comigo. Com você ao meu lado me sinto mais forte.

Ao meu cunhado Adriano Alves Fagundes, que sempre esteve ao nosso lado e sempre deu força para continuar o percurso. Obrigado por fazer parte da nossa família, pela paciência em suportar nossas brigas e por representar a mudança que estava por vir em nossas vidas.

Aos meus familiares, dos quais tanto tenho orgulho por serem pessoas íntegras, amorosas e que colocam nossas relações acima de qualquer coisa. Obrigado aos meus tios, tias, primos, primas, que sempre estiveram me dando força e me enchendo de carinho. Um agradecimento especial à minha tia Neli Teresinha Rossato, que me amparou quando precisei no ensino médio, à minha tia Denise Rossato e às minhas primas Marcella Rossato dos Santos e Marcia Fabiana Rossato Garcia, que estiveram sempre ao meu lado mandando mensagens de incentivo e apoio, perguntando se estava bem e dizendo que os momentos difíceis passariam logo.

Aos meus avós, Arnaldo José de Zorzi e Nelci Souza de Zorzi, e meus nonos João Rossato e Estela Inês Barbieri Rossato, que não tiveram a oportunidade de estar junto durante a caminhada. A vocês que deram às bases e os valores para o que nos tornamos, meus eternos agradecimentos.

À minha madrinha, Roseli Popik Tomazi, que tão cedo se foi. Sua ausência ainda é sentida. Obrigado por ter sido a melhor madrinha que poderia ter tido. Saudades eternas. Tenho certeza que assistiu meu percurso e esteve comigo do início ao fim.

À Luciana Francielle e Silva, pelo apoio na coleta de dados, pelo carinho com que sempre me acolheu e me abraçou, por mostrar que mesmo dando errado podemos rir e tentar continuar.

Às minhas professoras da graduação, Dra. Cintia Braghetto Ferreira, Dra. Tatiana Machiavelli Carmo Souza, Me. Marcela Cristina de Moraes, Me. Grazieli Alves Amaral, que deram base para que aprimorasse minhas capacidades ao longo dos anos e me permitiram construir um percurso acadêmico no ensino, na pesquisa e na extensão. Se não fosse pelas orientações de vocês metade das conquistas não teriam sido possíveis. Obrigado pelo exemplo de professoras e pesquisadoras que vocês foram em minha carreira acadêmica.

À minha primeira orientadora, Dra. Cristiane Souza Borzuk, que teve a paciência de ensinar os primeiros passos. Por confiar que eu seria capaz de melhorar, sempre respeitou minhas limitações, corrigiu meus erros e me ensinou que tudo pode ser melhorado. A você sempre serei grato por todas as oportunidades que possibilitou. Um abraço especial a seus filhos, Robertinho e Pedro, que sempre estiveram presentes nos dois anos de orientação.

À Fabíola, Fred, Antero e Ana. Obrigado por terem “cedido” um pouquinho dessa pessoa maravilhosa que é o Tales e que é de vocês. Obrigado por sempre terem me acolhido, pelo carinho e paciência em receber na casa de vocês. Vocês são uma família maravilhosa. Fabíola, obrigado por sempre estar disponível, por oferecer auxílio com sua leitura em meus manuscritos, pelo cuidado, atenção, carinho e pela transmissão de seus conhecimentos. Sempre serei grato.

A quem me ensinou o Bê, Á, Bá, Professora Jurema e às Professoras Suzana Dalla Lana Konflanz, Orildes Bevilaqua Dalla Lana, Maria Roseli Weber Straesser, Zeli de Fátima Bohrer e Gisele Dalla Costa, que me ensinaram a ter amor pelos estudos. Ao Professor Mauro Miguel Viera por me ensinar ter amor pela leitura e pelas artes. Vocês foram o alicerce para meu percurso até aqui. Meus agradecimentos por todo ensino e valores transmitidos.

Às pessoas que me deram apoio, possibilitaram e facilitaram meu percurso acadêmico durante todos estes anos e estiveram ao meu lado. Tia Dorvana, Tia Ione, Tio Liceu, Tia Lenir, Marieli, Thássia, Edmundo, Oscar, Jurema, Gilvan, Giovana, Olavo, Lenir, Fabio, Maila, Renato. À Dona Claudina, Carlos e Lorena que me acolheram em São Paulo e possibilitaram que eu conseguisse estudar na USP.

Ao Dr. José Leon Crochík, por ter me proporcionado a primeira oportunidade de vivenciar a Pós-Graduação, como aluno especial, na Universidade de São Paulo.

Aos meus colegas de graduação do “Café com Bobagem” Ana Paula de Melo Juiz, Nayane Alves Ferreira, Gislene Alves da Costa, Letícia Machado Silva, Letícia Machado Costa, Ariana Araújo Menezes, Ivan Duarte Brochado, Susana Rodrigues, Amanda Leal Borges, Fernando Freitas Cardoso, Andréia A. C. Vilela, Ellen Kelúbia Gonçalves, Gabriela Vilela Carvalho e Amanda Lázara Costa. Obrigado por sempre estarem ao meu lado e serem amigos tão especiais. Jamais me esquecerei de vocês.

À Ana Paula de Melo Juiz, pelo amor, carinho, companheirismo, amizade eterna, parceria dos momentos bons e ruins. Agradeço a Deus por ter colocado você no meu caminho, por ter tido a possibilidade de morar com você todos os longos anos da graduação. Obrigado por respeitar meu tempo, meu espaço, por ter feito de sua família a minha. Nunca poderei pagar todos os Resumen da vida que você me auxiliou. Se um dia resolver parar num lugar, estarei aqui te esperando. Mesmo que um oceano nos separe, estamos sempre um ao lado do outro.

À Daniela Faillace, por ter me auxiliado imensamente no final do percurso. Por todo o carinho, cordialidade, por sempre ser uma ótima anfitriã ao me receber em sua casa, pelas risadas e por sempre arrumar ótimos programas para minhas férias em Porto Alegre. Você é uma pessoa encantadora, que ganhou nossos corações. Obrigado por tudo, sempre.

Aos meus ex-alunos da UFG, que sempre me trataram com respeito, carinho e me ensinaram a ser professor antes mesmo do mestrado. Aos estudantes da UFTM que me acolheram no estágio em Docência com receptividade nos três semestres em que estive em sala de aula. Obrigado pela paciência e compreensão.

A todas as pessoas com as quais morei em Uberaba e que trouxeram alegria aos meus dias: Murilo, Fabinho, Flávia e Cecília. Obrigado por me suportarem.

A todas as pessoas que acreditam em novas possibilidades de ser família, que acreditam no amor, que respeitam as diferenças, a diversidade e entendem a complexidade dessa instituição. A vocês que sonham com um mundo melhor, onde diferenças sejam celebradas e não motivo de exclusão e desavenças. Obrigado por existirem e trazerem luz num período onde a escuridão se aproxima.

A Deus, ao Divino Pai Eterno e a todas energias positivas existentes, independente de religião. Obrigado por me darem força, por me sustentarem, pela esperança e conforto trazidos. Vocês sempre estiveram comigo.

(...)

Eu abrirei minhas asas e aprenderei a voar
Eu farei o que for necessário até tocar o céu
E farei um pedido, arriscarei, mudarei e escaparei.
Saindo da escuridão e entrando no sol
Mas eu não esquecerei as pessoas que amo
Correrei o risco, arriscarei, mudarei...
E escaparei...

(...)

(Kelly Clarkson - Breakaway)

SUMÁRIO

Resumo	12
Abstract	13
Apresentação da Dissertação	14
Estudo 1 – O que é família? Com a palavra calouros de Psicologia	18
Resumo.....	18
Abstract.....	18
Resumen.....	18
Introdução, justificativa e objetivo.....	19
Método.....	23
Resultados e Discussão.....	26
Considerações Finais.....	43
Referências.....	45
Estudo 2 – Pensar famílias no processo de formação em Psicologia: Experiências grupo-operativas com calouros	49
Resumo.....	49
Abstract.....	49
Introdução, justificativa e objetivo.....	50
Método.....	54
Resultados e Discussão.....	57
Considerações Finais.....	75
Referências.....	77
Considerações Finais da Dissertação	81
Referências da Dissertação	83
Anexos	90
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Maiores de Idade.....	90
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Menores de Idade.....	92
Anexo C – Parecer substanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	94

Resumo

A família tem sido descrita na literatura científica em Psicologia como influenciadora no desenvolvimento global dos sujeitos, do nascimento à velhice. No decorrer dos anos esta instituição tem se apresentando por meio de configurações variadas, perpassadas por aspectos socioculturais, históricos, políticos e econômicos que interferem em sua dinâmica. Devido às funções que assume e ao valor simbólico que lhe é atribuído social e subjetivamente, mostra-se necessária ser estudada na formação em Psicologia, pois permeia atividades de ensino/estágio, pesquisa, extensão e atividades extracurriculares nas quais os universitários se inserem. Assim, o objetivo desta dissertação foi verificar e discutir representações de família, diferentes configurações familiares e formação profissional com calouros de psicologia. A investigação foi dividida em dois estudos, ambos com estudantes de um curso de graduação (N=16), matriculados em uma universidade pública federal, situada na região sudeste brasileira, com idade entre 17 e 21 anos, sendo 15 do sexo feminino e 1 do masculino, solteiros. Os procedimentos éticos referentes à pesquisa com seres humanos foram seguidos. O primeiro estudo objetivou investigar representações de família por meio de pesquisa descritiva, longitudinal (do tipo antes e depois do desenvolvimento de grupos de operativos), amparada no enfoque qualitativo. Foi utilizada uma entrevista individual com a pergunta disparadora: “O que é família para você?”, aplicada no início e no fim do primeiro semestre letivo de 2016, audiogravada e transcrita na íntegra. Após leitura flutuante e atenta do material colhido, os dados foram organizados por meio do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e analisados com referencial teórico psicanalítico. Um conjunto de representações foi observado nas entrevistas do início do semestre (famílias como espaço afetivo-relacional que transcende laços consanguíneos) e nas entrevistas do final do semestre, além do conjunto inicial, mais dois foram observados (famílias e suas configurações e redimensionamentos de representações de família). Por meio dos resultados foi possível compreender representações de família apresentadas pelos estudantes, antes e depois da participação nos processos grupais, refletindo mudanças nas formas como descrevem/pensam esta instituição. O segundo estudo objetivou discutir família, suas configurações e formação profissional, em pesquisa-ação, de desenho qualitativo, realizada por meio de grupos operativos de aprendizagem, tendo filmes comerciais como recursos mediadores, durante o primeiro semestre letivo de 2016. Nove encontros semanais foram desenvolvidos, de aproximadamente de 3 horas cada, audiogravados, transcritos na íntegra, analisados e discutidos pelo referencial psicanalítico, principalmente Pichoniano e autores da escola Winnicottiana. Os principais emergentes grupais foram levantados e duas categorias que atendiam aos objetivos da pesquisa foram criadas: 1) famílias e suas configurações; 2) Grupos e formação em Psicologia. Os processos grupais caracterizaram-se como espaço fecundo para construções coletivamente vivenciadas de temas importantes pertinentes à família e às suas dinâmicas, não somente daquelas famílias tratadas nos livros, mas da de cada integrante dos grupos. Os estudos demonstram que a graduação em Psicologia deve possibilitar espaços, como os dos grupos, que permitam debates sobre famílias, suas configurações e formação, temáticas estas importantes e diretamente ligadas à situações profissionais com as quais os estudantes irão se deparar.

Palavras-chave: Relações familiares; Psicologia social; Processos grupais; Capacitação profissional.

Abstract

The family has been described in the scientific literature in Psychology as an influencer in the global development of people, from birth to old age. Over the years, this institution has been presenting itself through varied configurations, permeated by socio cultural, historical, political and economic aspects that interfere in its dynamics. Due to the functions that it assumes and to the symbolic value that is attributed to it socially and subjectively, it is necessary to be studied in Psychology training, as it pervades teaching / internship activities, research, extension and extracurricular activities in which university students are inserted. Thus, the aim of this dissertation was to verify and discuss family representations, different family configurations and professional training with freshmen of psychology. The research was divided into two studies, both with undergraduate students (N = 16), enrolled in a federal public university, located in the southeast region of Brazil, aged between 17 and 21 years, 15 of them female and 1 male, unmarried. Ethical procedures regarding human research were followed. The first study aimed to investigate family representations through a descriptive, longitudinal research (the before and after type of development of operative groups), based on the qualitative approach. An individual interview was used with the trigger question: "What is family for you?" Applied at the beginning and at the end of the first semester of 2016, audio recorded and transcribed in its entirety. After a careful reading of the collected material, the data were organized through the Discourse of the Collective Subject (DSC) and analyzed with a psychoanalytical theoretical framework. A set of representations was observed in the interviews at the beginning of the semester (families as affective-relational space that transcends consanguineous ties) and in interviews at the end of the semester, besides the initial set, two more were observed (families and their configurations and resampling of representations family's). Through the results it was possible to understand family representations presented by students, before and after participation in group processes, reflecting changes in the way these institutions describe/think. The second study aimed at discussing family, their configurations and professional training, in action research, with qualitative design, carried out through learning operative groups, and commercial films as mediating resources during the first semester of 2016. Nine weekly meetings were held, about 3 hours each, audio recorded, transcribed in full, analyzed and discussed by the psychoanalytic reference, mainly Pichonian and authors of the Winnicottian school. The main emergent groups were raised and two categories created a posteriori: 1) families and their configurations, and 2) Groups and training in Psychology. Group processes were characterized as a fruitful space for collectively lived constructions of important themes pertinent to the family and its dynamics, not only those families dealt with in the books, but those of each member of the groups. The studies demonstrate that graduation in Psychology should allow spaces, such as those of the groups that allow debates about families, their configurations and formation, which are important and directly related to the professional situations that students will encounter.

Keywords: Family relations; Social psychology; Group processes; Professional training.

Apresentação da Dissertação

O processo formativo em Psicologia se constitui como importante etapa na aquisição de conhecimentos que possibilitarão o desenvolvimento de habilidades e competências para compreensão dos fenômenos psicológicos. É durante esse processo que estudantes passam a ter contato com situações de ensino, pesquisa e extensão que possibilitarão ampliar o repertório de conhecimentos teóricos, de métodos e técnicas cientificamente sustentadas, que lhe auxiliarão na prática profissional.

Devido à relevância que o processo formativo assume, torna-se necessário que seja constantemente refletido e pensado, considerando as necessidades da população e as particularidades do contexto social em que os futuros profissionais serão inseridos. Assim, no Brasil, desde o ano de 2011, a formação tem sido orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia (DCN) (Brasil, 2011). Tais diretrizes estipulam princípios, fundamentos, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, a implementação e a avaliação deste curso, sendo um importante norteador para a organização curricular.

As DCN fornecem parâmetros importantes para a organização curricular, pois enfatizam a complexidade dos fenômenos psicológicos e suas interfaces com aspectos biológicos e sociais. Além disso, evidenciam a necessidade de construção de conhecimento atrelado a métodos e técnicas cientificamente comprovadas, a multiplicidade de referenciais existentes no campo da Psicologia, a formação voltada para a atuação em diferentes contextos, e por essa via busca promover a qualidade de vida de sujeitos, grupos e instituições, entre outros aspectos.

Neste sentido, no processo de formação de novos psicólogos deve prever diversidade de conteúdos teóricos e contextos práticos que permitirão aos estudantes o contato com situações em que terão que lidar com sujeitos e instituições. Entre as instituições que perpassam a atuação profissional está a família, por assumir funções importantes para o desenvolvimento das pessoas e pelo valor simbólico que representa para a sociedade.

Na Psicologia a família tem sido investigada sob perspectivas epistemológicas, enfoques teóricos e em contextos diversificados. Assim, estudos sobre a família tanto ocorrem no sentido de estabelecer quais são as relações dela com outras instituições, em um nível sociocomunitário (Cardoso & Féres-Carneiro, 2008; Covelo & Badaró-Moreira, 2015; Dessen & Polônia, 2007), quanto discorrem sobre as relações dentro da família, a construção de

vínculos entre seus membros, como os sujeitos inseridos nela se ajustam, buscam equilíbrio, estabelecem influência entre si, além de analisar como o adoecimento de um membro da família interfere na dinâmica familiar (Baptista & Teodoro, 2012; Féres-Carneiro, Lisboa, & Magalhães, 2011; Gomes & Levy, 2016; Sei & Zuanazzi, 2016).

Neste processo de compreensão da instituição familiar deve-se considerar que esta passou e tem passado por transformações, influenciadas por questões de cunho histórico, político, cultural e social. Com o decorrer dos tempos, tem-se assistido a emergência de situações que evidenciam possibilidades de ser família, diferentes do modelo tradicional e nuclear. De tal modo tornou-se possível pensar outras configurações vinculares no âmbito das famílias, como descritas por Gomes e Neves (2016), Rodriguez, Gomes e Oliveira (2017), que incluem as monoparentais, as adotivas, as homoparentais, os divórcios, os novos casamentos e as famílias reconstituídas, que incorporam filhos e parentes oriundos de relacionamentos desfeitos, entre muitas outras.

Independente da constituição assumida, a família pode ser compreendida como uma instância mediadora entre o indivíduo e a sociedade, a primeira referência para a criança, a partir da qual se formam as primeiras regras, valores e crenças (Capitão & Romaro, 2012). Assim, estudá-la durante a formação em Psicologia mostra-se importante, pois constitui-se como uma instituição que exerce influências sobre as pessoas mesmo antes do nascimento, pois a decisão dos pais (ou de uma pessoa sozinha) de ter um filho envolve uma série eventos perpassados por fantasias e ansiedades ligadas às suas histórias de vida.

O estudo da instituição familiar no processo formativo em Psicologia pode, também, ser realizado por meio de diferentes métodos, que extrapolam o modelo de ensino-aprendizagem ancorado em aulas expositivas. Entre as atividades que podem favorecer o processo de aquisição de novos conhecimentos estão os grupos operativos de ensino e aprendizagem propostos por Pichon-Rivière/Bleger e que ainda nos dias atuais perpassam iniciativas formadoras em solo brasileiro e latino-americano. Estes grupos caracterizam-se por enfocarem o aprender a aprender, num processo reflexivo de construção de um esquema referencial por meio de experiências grupais que instigam movimentos dialéticos durante o próprio percurso do grupo. Nessa modalidade grupal os conceitos de ensino e aprendizagem integram um processo único, sendo que quando há alguém aprendendo, tem alguém ensinando, e na tarefa de ensinar também se aprende (Bleger, 1979/2003).

Considerando este preâmbulo, este trabalho emerge da necessidade contínua de se pensar a formação em Psicologia, atrelada ao estudo, à reflexão e ao debate sobre a instituição

familiar. Ele surge da preocupação de construir terrenos que possam favorecer processos críticos vivenciais e reflexivos sobre a família nos tempos atuais.

Partindo destes pressupostos, os dois estudos desta Dissertação são integrados. O primeiro se caracteriza como um trabalho descritivo longitudinal, do tipo antes e depois, amparado na abordagem qualitativa de pesquisa. Ele procurou verificar representações de família apresentadas por calouros de Psicologia, por meio de entrevistas realizadas no início e no fim do primeiro período letivo. Participaram deste estudo 16 estudantes, predominantemente do sexo feminino, com idade entre 17 e 21 anos. Os Participantes foram entrevistados individualmente, face a face, com auxílio de áudio gravadores, em âmbito de sala de aula de instituição pública universitária. Os dados foram transcritos na íntegra, organizados pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo e analisados pelo referencial da Psicanálise.

O segundo estudo se caracteriza como uma pesquisa-ação, também amparada na abordagem qualitativa de pesquisa, desenvolvida por meio de grupos operativos de ensino e aprendizagem, cujo objetivo foi refletir e debater diferentes possibilidades de ser e pensar sobre família na atualidade. Os Participantes foram os mesmos do primeiro estudo (16 calouros de Psicologia, predominantemente do sexo feminino, com idade entre 17 e 21 anos). Foram desenvolvidos 9 encontros grupais durante o primeiro semestre de 2016, semanalmente e situados entre os dois momentos de coleta de dados descritos no primeiro estudo. Os processos de grupo tiveram em média três horas de duração cada um e tiveram filmes comerciais, que encenavam diferentes representações de famílias, como recursos mediadores. Os Participantes assistiam aos filmes e eram instigados a debatê-los espontaneamente. Os debates foram áudio gravados e transcritos na íntegra, sendo os respectivos resultados analisados por meio do referencial da psicanálise, em especial o da escola Argentina (Pichon-Rivière/Bleger).

O projeto de pesquisa foi desenvolvido na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, vinculado à linha de pesquisa Psicologia e Família do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Outrossim, ele também se vincula ao Grupo de Pesquisa Clínica de Orientação Psicanalítica, liderado pelo Orientador e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil (CNPq). Em complemento, ele é um desdobramento de processos de IC desenvolvidos quando o Autor era estudante de Graduação na Universidade Federal de Goiás e investigava o uso de filmes comerciais em processos de formação de psicólogos e em âmbito de processos grupais, também orientados pelo Professor Orientador desta Dissertação e com financiamento do CNPq.

Estes estudos são frutos da inquietação do pesquisador quanto ao que poderia ser nomeado por família, considerando os movimentos que têm tentado limitar esta instituição na

atualidade. Na experiência pessoal, vivi até a adolescência em um contexto sociocultural específico (rural, no sul do país) onde haviam diversas configurações familiares: era uma comunidade de pequenos produtores rurais, com famílias compostas por pai, mãe e filhos; por pai, filha e avó; por filho, avô e tio; por mãe e filhos; por filhos, netos, avós e pais; onde todos se respeitavam e consideravam as “famílias” dos vizinhos. Na adolescência mudei para região centro-oeste, onde tive contato com uma série de outras famílias, que também tinham configurações diversificadas e viviam contextos específicos e com cultura que se diferenciava da de minha origem. Na vida adulta vivi na região sudeste e também me deparei com contextos familiares que tinham semelhanças e diferenças com os das outras regiões onde morei. Cada lugar tinha peculiaridades que ora se assemelhavam e em outros momentos se diferenciavam. Eram contextos socioculturais diferentes e que influenciavam nas vidas das pessoas e das famílias.

Na experiência profissional, no início da graduação em Psicologia fui inserido em uma instituição de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência. Neste espaço observava famílias configuradas de diferentes maneiras e que viviam em movimento, alternando seus formatos e suas relações e que, de certa forma, apresentavam semelhanças com o que havia visto em outros contextos. A partir deste período comecei a trabalhar com famílias e suas diferentes formas. Passei a perceber a dificuldade em defini-las, a complexidade das relações estabelecidas nelas e suas influências no desenvolvimento das pessoas. Passei a estudar sobre elas, a questioná-las. E quanto mais o fazia, mais dúvidas e mais inquietações surgiam. Na atualidade, incomoda-me verificar as tentativas de setores influenciadores da sociedade em reduzir famílias a um formato.

Neste sentido, questiono-me se profissionais de Psicologia e de outras áreas do conhecimento conseguiriam “definir famílias”. Seria possível descrever como ela se configura ou quem seriam as pessoas pertencentes a ela? Considerando a abrangência e as diferenças culturais do país, as famílias assumem formas e significados semelhantes em todas as regiões e em todos os contextos?

Outrossim, as inquietações também surgem da preocupação quanto às articulações que têm criado movimentos que normatizam e regulam, por meio de leis, o que é família, como “deveria ser” a sua configuração. Eles têm emergido da necessidade em orientar futuros profissionais de Psicologia a ampliarem conhecimentos e se inquietarem por meio da reflexão sobre a multiplicidade e a complexidade da instituição familiar, considerando as diferentes configurações que ela assume.

Estudo 1

O que é família? Com a palavra calouros de Psicologia

What is family? The view of freshmen of Psychology course

¿Que es familia? Con la palabra estudiantes del primer año de Psicología

Resumo

Representações de família foram investigadas em estudo descritivo amparado em enfoque qualitativo. Dezesesseis estudantes matriculados em Curso de Psicologia de uma universidade pública federal, com idade entre 17 e 21 anos, foram entrevistados individualmente, no início e no fim do primeiro semestre letivo de 2016. Os dados foram organizados por meio do Discurso do Sujeito Coletivo e debatidos com suporte em contribuições psicanalíticas sobre família. Um conjunto de representações foi observado nas primeiras entrevistas: famílias como espaço afetivo-relacional que transcende laços consanguíneos. Nas entrevistas finais, além do conjunto inicial, mais dois foram observados: famílias e suas configurações e redimensionamentos de representações de família ocorridos após os processos grupais.

Palavras-Chave: Família; Vida familiar; Ensino superior.

Abstract

Family representations were investigated in a descriptive study supported by a qualitative approach. Sixteen students enrolled in a Psychology Course at a Federal Public University, aged between 17 and 21 were interviewed individually at the beginning and at the end of the first semester of 2016. The data were organized through the Discourse of the Collective Subject and debated with support in psychoanalytic contributions about family. One set of representations was observed in the first interviews: 'families as an affective-relational space that transcends blood ties'. In the final interviews, beyond the initial set, more two were observed: 'families and their configurations' and 'resizing of family representations occurred after group processes'.

Keywords: Family; Familiar life; Higher education.

Resumen

Las representaciones del concepto de familia fueron investigadas en un estudio descriptivo desarrollado con el enfoque cualitativo. Dieciséis estudiantes, matriculados en el curso de Psicología de una universidad pública federal, con edad entre 17 e 21 años, fueron entrevistados individualmente, al inicio y al fin del primer semestre lectivo de 2016. Los datos fueron organizadas por medio del Discurso del Sujeto Colectivo y discutidos con soporte en contribuciones psicoanalíticas sobre familia. Se observaron uno conjunto de representaciones en las primeras entrevistas: familias con un espacio afectivo-relacional que trasciende los lazos consanguíneos. En las entrevistas finales, además de lo conjunto inicial, dos mas fueron observados: las familias y sus variaciones y redimensionamientos de representaciones de la familia después de los procesos grupales.

Palabras-Clave: Familia; Vida Familiar; Enseñanza Superior.

Introdução

O *status* da Psicologia como profissão no Brasil é recente: foi instituído pela Lei 4119, de 27 de agosto de 1962, que regulamentou a profissão de psicólogo e dispôs sobre os cursos de formação (Brasil, 1962). Dos anos 60 até os dias atuais, esta disciplina tem passado por transformações, a partir de iniciativas que procuram repensá-la em seus múltiplos aspectos, como produção de conhecimento, atuação, ensino e organização (Antunes, 2012). Esses movimentos têm modificado as maneiras de orientar a formação profissional, de modo a atentar para as particularidades do contexto brasileiro.

Desde 2004 a formação tem sido orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia (DCN), que foram atualizadas em 2011. As DCN fornecem orientações sobre a organização curricular e os princípios, fundamentos, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, a implementação e a avaliação deste curso no Brasil (Brasil, 2011). Elas foram resultado de um debate de longo prazo, surgido no seio da própria Psicologia, que ainda permanece em movimento rumo à sua consolidação (Bastos & Gondim, 2010; Cury & Ferreira Neto, 2014; Feitosa, 1999; Yamamoto & Costa, 2010).

As DCN ponderam que a formação em Psicologia deve possibilitar ao estudante a compreensão dos sujeitos, de instituições e comunidades, levando em conta as relações que estabelecem entre si e as influências que exercem uns sobre os outros. O processo formativo deve se basear em princípios e compromissos que proporcionem a produção de conhecimentos e a atuação em diferentes domínios, considerando-se os múltiplos referenciais, capazes de abarcar a complexidade do fenômeno psicológico, além de fomentar a compreensão crítica de aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais do país (Baima & Guzzo, 2015; Brasil, 2011).

O estudante de Psicologia, assim, deveria ao longo de sua formação, ter a possibilidade de conhecer métodos e técnicas de intervenção e de desenvolver capacidades para compreender

fatores que perpassam o desenvolvimento dos sujeitos. Estas capacidades podem ser adquiridas por meio de um conjunto de atividades atreladas ao processo formativo, uma vez que é exigência do Ministério da Educação e Cultura que a formação ofereça um conjunto de atividades individuais ou coletivas que compreendem aulas, conferências, palestras, atividades em laboratório, observação e visitas a locais de atuação, projetos de pesquisa, monitorias, aplicação e avaliação de instrumentos psicológicos, projetos de extensão e estágio supervisionado (Baima & Guzzo, 2015).

Nos contextos de atuação em Psicologia, é necessário aos estudantes compreenderem que pessoas e instituições estão em constante mudança. Entre as instituições, destaque deve ser dado à família, pois se constitui como uma das mais relevantes do ponto de vista sociocultural, posto constituir como ponto de partida para o desenvolvimento e ocupar importante valor simbólico na subjetividade humana.

Estudar família durante o processo de formação em Psicologia é fundamental, ainda, para amplo entendimento do ser humano, pois ela é um dos pilares da vida psicológica, exerce influência na saúde psíquica de seus integrantes (Capitão & Romaro, 2012) e é marcada por transições que irão coincidir com as crises de desenvolvimento dos sujeitos (Falceto & Waldemar, 2013). Estudos nessa esfera são atividade complexa e necessária, que requerem análise dos diferentes fatores que perpassam a família e que a tem feito assumir características e modos de funcionamento específicos em determinado momento histórico e contexto sociocultural.

Compreender a família mostra-se importante, destarte, porque ela sofre alterações constantes nas formas de se organizar internamente (Falceto & Waldemar, 2013; Serralha, 2016), reconfigurando-se de múltiplas e variadas maneiras (Felippi & Itaquí, 2015; Rodriguez & Gomes, 2012). Organizações familiares contemporâneas são reflexo de mudanças no cenário sociocultural e econômico, como o aumento no número de divórcios, o controle da natalidade e a inserção da mulher no mercado de trabalho, a possibilidade de novas uniões, o surgimento de novas tecnologias

reprodutivas e o declínio do patriarcado. Esse conjunto de reconfigurações reitera a necessidade de ampliação do conceito família (Rodriguez & Paiva, 2009; Santos & Gomes, 2016).

Considerando estes aspectos, tem sido cada vez maior o número de famílias recompostas, monoparentais, adotivas, homoafetivas (casal constituído por membros do mesmo sexo que estabelecem relação sexual) e homoparentais (caso em que pelo menos uma pessoa do casal se define como homossexual e cria uma criança) (Martinez & Barbieri, 2011; Rodriguez & Gomes, 2012). Por razões semelhantes, debates e estudos acerca da instituição familiar têm sido constantes, também na realidade latino-americana (Féres-Carneiro, 2014; Gomes & Neves, 2016; Martinez & Barbieri, 2011; Santos & Gomes, 2016; Santos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013; Scorsolini-Comin & Santos, 2014). Esse cenário demonstra o necessário desenvolvimento de ações que possibilitem observar as novas formas de se relacionar e de viver em família, sem deixar de lado, como afirmam Cúnico e Arpini (2013), a percepção de que as novas configurações coexistem com o modelo tradicional de família. Cabe assinalar que, embora chamemos essas configurações familiares de “novas”, elas sempre existiram ao longo da História; o que acontece na contemporaneidade é que elas têm ganhado mais visibilidade e têm embasado movimentos socioculturais e políticos buscando o seu reconhecimento e legitimação.

Neste mesmo sentido, Vitorello (2011) evidencia que na família contemporânea as funções parentais não são tão definidas como eram na ordem tradicional. Há diversidade de modos de agrupamento familiar e de arranjos, bem como de desempenho das funções parentais; estas, além de exercidas pelos pais biológicos, têm sido encabeçadas por tios, avós, ou partilhadas por várias pessoas, da família consanguínea ou não.

Devido à pluralidade e ao dinamismo que as famílias apresentam, elas podem ser analisadas sob perspectivas teóricas diversificadas (Féres-Carneiro, 2014). Diante dessa virtualidade, a perspectiva psicanalítica constitui-se como um referencial teórico possível para compreensão de

famílias e de seu *status* sociocultural, na contemporaneidade (Capitão & Romaro, 2012; Falceto & Waldemar, 2013; Roudinesco, 2003; Serralha, 2016).

Historicamente, a Psicanálise considerou principalmente as famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filhos (por exemplo, Freud, 1901-05/1996a, 1909/1996b, 1912-14/1996c). Com o passar dos anos, contudo, mudanças na cultura e no próprio movimento psicanalítico possibilitaram maior compreensão da variabilidade dos papéis e das funções que cada pessoa pode assumir nas famílias, independente da estrutura específica assumida por elas. Esse cenário tem permitido desconstruir concepções tradicionalmente estabelecidas e têm abarcado a instituição familiar de modo mais integrado e genuíno, mais condizente com seus dinamismos particulares. Estes movimentos estiveram atrelados a contextos específicos, conforme descritos por Roudinesco (2003), desmantelando as funções tradicionalmente desempenhadas na instituição familiar.

As transformações ocorridas nas famílias repercutiram e ainda repercutem na ciência em geral e na Psicanálise em particular. Pichon-Rivière (1983/2009) foi um dos pioneiros desse tipo de discussão, quando observou que em certos grupos familiares os membros podem ter uma tendência ao isolamento ou à inclusão em outros grupos, que progressivamente adquirem certa autonomia, uma pertença a um grupo externo ou a um grupo de referência.

A construção da identidade e da autonomia dos sujeitos aconteceria no interjogo de experiências mantidas em suas esferas psíquica (mundo interno) e material (mundo externo). Por meio das experiências vividas dinamicamente entre essas duas esferas é que os sujeitos criariam condições de elaborar sua própria definição de família.

Diante dessas considerações, este estudo objetiva investigar representações de família apresentadas por estudantes calouros de Psicologia. Essa proposta busca evidenciar como estes estudantes conceberiam a instituição familiar, ao entrarem na universidade, e a resultante dessas concepções, após a integração a um processo grupal focado em diálogos sobre famílias (término

do primeiro semestre letivo). Haveria alterações nessas formas de conceber e representar famílias, num e noutro momento (antes e depois do processo grupal)? Como essas eventuais alterações se configurariam?

Método

Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo descritivo, longitudinal (do tipo antes e depois), amparado no enfoque qualitativo.

Participantes

A amostra foi estabelecida por conveniência. Os Participantes foram calouros de um curso de graduação em Psicologia (N=16), matriculados em uma universidade pública federal, situada no Estado de Minas Gerais, com idade entre 17 e 21 anos, sendo 15 do sexo feminino e 1 do masculino, todos solteiros. Os Participantes declararam suas etnias como: branca (68,8%), parda (25,0%) e negra (6,2%). Além disso, as famílias deles residiam no mesmo município da IFES de vínculo e em outras localidades (n = 6; 37,5%; e n = 10; 62,5%, respectivamente) e apresentavam as seguintes composições: pai e mãe solteiros (n = 6,2%), pais e mães em relacionamentos estáveis (n = 8; 50,0%) e pais e mães divorciados (n = 7; 43,8%).

Somente um dos Participantes desistiu da participação. Os demais foram identificados com a letra P e um número (de 1 a 16) no momento de descrição de resultados e discussão.

Instrumento

Foi realizada uma entrevista individual com os Participantes, a partir da seguinte pergunta disparadora: “*O que é família para você?*”.

Procedimento

O contato inicial entre Pesquisador e Participantes foi feito em sala de aula dos estudantes, quando o convite para a participação na investigação foi realizado. Na ocasião foram explicados brevemente os objetivos da pesquisa. Após este contato inicial, um encontro com cada Participante interessado foi agendado para detalhamento da proposta e das disposições éticas respectivas.

No dia marcado foi explicado que a pesquisa era composta por três etapas: 1) uma entrevista individual, no início do semestre letivo de matrícula dos calouros; 2) participação em grupos operativos com finalidades de aprendizagem, ocorrido durante o primeiro semestre letivo (estes grupos integraram um segundo estudo, não relatado neste momento); e 3) segunda entrevista individual, no fim do semestre letivo (ocorrida após o término do processo grupal).

O relato deste estudo refere-se às duas entrevistas individuais de todos os Participantes descritas nos itens 1 e 3. As entrevistas foram realizadas em salas de aula da universidade de vínculo dos Participantes, e tiveram duração média de 5 minutos cada; foram conduzidas face a face, audiogravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra, para realização das análises.

A título de informação, o processo grupal proposto e mencionado no item 2 consistiu de 9 encontros. Esse trabalho foi inspirado no modelo de grupos operativos com finalidades de aprendizagem (Bleger, 1979/2007), por meio do qual se realizam encontros grupais focados na resolução de determinada tarefa. No caso em questão, a tarefa consistia basicamente em aprender a aprender sobre famílias e suas variantes possíveis, *em grupo*. Como recursos mediadores desses processos, nove filmes comerciais foram utilizados, sendo que eles encenavam distintas composições e possibilidades de ser e viver em família, conjugalidade e parentalidade. O primeiro autor era o coordenador dessas atividades, sendo estas oferecidas em modalidade extracurricular, à guisa de experiências semelhantes, desenvolvidas em outras realidades universitárias (Santeiro, Santeiro, Souza, Juiz, & Rossato, 2014).

Análise de Dados

Após leitura flutuante e atenta do material colhido, os dados foram organizados por meio do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC é uma técnica de construção do pensamento coletivo que visa revelar o que as pessoas pensam, como atribuem sentido e manifestam posicionamentos sobre determinados assuntos. Caracteriza-se como uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de jornais, entre outras fontes (Duarte, Mamede, & Andrade, 2009).

O DSC caracteriza-se pela reunião, num discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular, de expressões-chave que têm ideias centrais ou ancoragens semelhantes ou complementares (Figueiredo, Chiari, & Goulart, 2013). A cada categoria criada do DSC estão associadas opiniões de sentido semelhante, presentes em diferentes discursos (Lefevre & Lefevre, 2014).

A sistematização dos discursos foi obtida por meio do Instrumento de Análise do Discurso (IAD). O IAD permite ao pesquisador levantar dados referentes às expressões-chave, ideias centrais e ancoragens dos discursos de cada Participante, permitindo agrupar os relatos em unidades de significado e compondo discursos-síntese por meio da união de expressões-chaves. As categorias para análise e construção do DSC são estabelecidas a partir da identificação, nos instrumentos de análise de discurso, das expressões-chave, ideias centrais e ancoragens correspondentes. Após a organização e divisão das expressões-chave, de acordo com as ideias centrais, redige-se o DSC, considerando-se não a ordem sequencial da fala dos Participantes, mas a coerência interna das palavras que compõem o DSC (Duarte, Mamede, & Andrade, 2009).

O referencial teórico utilizado para discutir os resultados foi o psicanalítico, principalmente autores que se embasam no aporte da escola Winnicottiana de psicanálise e outros com referencial Pichoniano, que vêm debatendo família. Além disso, foram consideradas contribuições dos

Participantes e oriundas da análise dos dados que remetiam ao processo de formação de psicólogos no Brasil.

Considerações Éticas

Todos os procedimentos éticos para desenvolvimento de pesquisas com seres humanos foram seguidos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e consubstanciado por meio do parecer nº 1401863. Todos os direitos dos Participantes foram explicados e garantidos pelos entrevistadores. Foram explicitados os objetivos da pesquisa, sua importância e seu impacto para os Participantes e para a sociedade, demonstrando a necessidade do estudo.

Resultados e Discussão

Por meio das entrevistas foi possível organizar dez Discursos Síntese, sendo quatro da entrevista inicial e seis da final. Após a organização dos dados foram criadas três categorias para apresentação e discussão dos conteúdos: 1) famílias como espaço afetivo-relacional que transcende laços consanguíneos (composta pelo conteúdo dos Discursos 1, 2, 3 e 4 da primeira entrevista e 1, 2, 3, 4, da segunda entrevista); 2) famílias e suas configurações (Discurso 5 da segunda entrevista); 3) importância de processos grupais para reconfigurações nas representações de família (Discurso 6 da segunda entrevista).

Famílias como espaço afetivo-relacional que transcende laços consanguíneos

Os Discursos 1, 2, 3 e 4 da primeira e da segunda entrevista versam sobre aspectos semelhantes, descrevendo representações de família não enfocadas na estrutura, mas em relações vinculares ligadas por afetividade. Entre os Discursos também é enfatizado que a consanguinidade não é fator determinante para a delimitação de família. Há também o enfoque na valorização dos sentimentos de pertencimento e nas influências que a família pode exercer na vida das pessoas.

Esses oito Discursos Síntese presentes na primeira entrevista e que se mantiveram na segunda apresentam a família como uma base e influência para as pessoas (não permeada necessariamente por laços consanguíneos); um espaço de amor, acolhimento, afetividade, apoio, amizade, confiança, cuidado, respeito; um grupo cuja constituição e composição podem variar de acordo com o que as pessoas definem. Esses conteúdos são ilustrados a seguir.

Primeira Entrevista

DSC1: Família é uma base e uma influência para as pessoas

Ideia Central: Família é a base de tudo, tudo.

“Família era para ser o sustentáculo que a gente tem na nossa vida. Tem tanta influência na vida de uma pessoa que eu acho que pode construir uma pessoa. Quando você for mais adulto, acho que você vai ter uma base, acho que essa base é a família. São pessoas que podem te ensinar muito mais do que você aprende na escola. É uma constituição de pessoas que educam, que influenciam. Influencia no pensamento que eu tenho como humano, sabe? Coisas boas e ruins. Família é tudo, não tem como fugir. Acho que a primeira coisa que me vem à cabeça quando eu penso em família é base. Base porque é, acho que todo, a maioria da, não todos, mas a grande maioria do, das nossas relações que nós temos com os outros, nós aprendemos primeiro dentro de casa, então acho que é a base do ser humano mesmo. Independente da pessoa ter estrutura ou não, alguma base ela vai passar para você. Família é a base de tudo, tudo. É a base para coisas boas, coisas ruins. É quem mostra o caminho, mostra todos os lados, né?! Na minha opinião é a base da minha vida assim, não digo só a minha família, eu acho que na vida de todos nós, porque a gente nasce dentro de uma família. Independente se você tem só seu pai e sua mãe, se você não tem familiares é, perto de você, mas você nasce no seio de uma família. Todo mundo tem. É a

base de tudo pra você construir a sua vida pessoal, eu acho que é isso.” (P.1, P.5, P.7, P.10, P.13 e P.14).

DSC 2: Família não se constitui necessariamente por laços de sangue

Ideia Central: Família é aquilo que você cresce, quem te cria. Não necessariamente laços sanguíneos.

“Família é aquilo que você cresce, quem te cria... não necessariamente laços sanguíneos, né?, mas quem te cria, basicamente. Não somente laços de sangue, mas eu acho que é amizade, amizade, amor, companheirismo, respeito, cuidado. Tem gente que a família não é de sangue e eu acho que é família mesmo, também. Porque às vezes a gente encontra família em outras pessoas, em amigo, sei lá, colega de trabalho. Eu considero pessoas que não são do mesmo sangue minha família, então eu acho que não limitaria família à minha mãe e meu pai e minha irmã. Eu acho que vai além disso. Se eu me relaciono muito bem com uma pessoa eu considero ela da minha família, independente dela ter nascido dentro do meu núcleo ou não.” (P.2, P.3, P.6 e P.15).

DSC 3: Família é amor, confiança, respeito, apoio, cuidado, amizade

Ideia Central: É amizade, amor, companheirismo, respeito, cuidado.

“Família? Eu acho que é união, respeito e amor principalmente né?! O conceito mais importante de família são os laços de amor que você tem pelas pessoas. É amizade, amor, companheirismo, respeito, cuidado. Acho que é isso, quando tem um relacionamento com pessoas que cercam a gente, que a gente gosta, que a gente cuida e que a gente ama e que a gente tem uma amizade e companheirismo, se sente à vontade, quer estar perto né?! São pessoas que a gente pode contar desde sempre, desde sempre e para sempre, que confiam,

que normalmente possuem crenças parecidas, nem sempre, mas na maioria das vezes e que podem trocar ideias sem esperar muito de preconceito ou de crítica assim. É, se preocupam uns com os outros, fica confortável com a presença. Pessoas que você pode contar para o resto da vida, que seja íntimo para você, que você se sinta bem. Um lugar de conforto, um lugar que você possa é, em qualquer momento da sua vida, que você possa voltar. É um lugar onde você se acolhe, onde você recorre quando tá mal, quando tem algum problema, então é um lugar que vai estar ali, que vai estar sempre ali, que vai te acompanhar, pelo menos boa parte da sua vida. Onde eu posso me sentir bem e um lugar que eu sempre estive e que eu sei que mesmo eu fazendo qualquer coisa eles vão me acolher de volta porque eu, eu sempre estou lá com eles... não é como qualquer outro lugar da sociedade que talvez eu não possa voltar né?." (P.1, P.4, P.6, P.7, P.8, P.9, P.11, P.12, P.13, P.14, P.15 e P.16).

DSC 4: Família é uma questão de sentimento, depende do que cada um considera que ela seja

Ideia Central: O que importa são os laços que você estabelece com as pessoas que você tende a nomear como família

“Eu acho que família é isso não tem uma definição correta, o que importa são os laços que você estabelece com as pessoas que você tende a nomear como família. É uma questão de sentimento, não é muito, tipo, quadrado não. Família é com quem, não necessariamente mãe e pai né? Acho que é quem você vive junto, se dá bem. É mais, assim, por exemplo, se eu tivesse um cachorro e eu sentisse que o cachorro é minha família, eu ia dizer que ele faz parte da minha família. Mas a gente considera é, amigos também família. Se eu me relaciono muito bem com uma pessoa, eu considero ela da minha família, independente dela ter nascido dentro do meu núcleo ou não.” (P.2, P.3, P.10, P.14 e P.15).

Segunda Entrevista

DSC 1: Família como um espaço de acolhimento e apoio

Ideia Central: Um lugar de conforto e de suporte que a gente encontra para conseguir lidar com as coisas do dia a dia.

“Acho que um ambiente que possa proporcionar momentos e que seja especial. Eu acho que é um lugar que, que eu sei que eu posso voltar também, que, tipo, qualquer família é um lugar que as pessoas podem voltar. É um suporte, uma base que vai te dar segurança e conforto. Eu acho que é muito, é isso. É uma base. Um lugar de conforto e de suporte que a gente encontra para conseguir lidar com as coisas do dia a dia. Um estar apoiando o outro. Mesmo assim, quando às vezes a gente não concorda com alguma coisa que a pessoa está fazendo, mas a gente está ali do lado dela. E é isso, acho que é apoio. São pessoas que me ajudam. Um ajuda o outro, está junto na dificuldade, está junto quando está em momento bom, pra mim isso é família. É isso. Eu acho que é mais isso assim, de um estar apoiando o outro mesmo. Acho que é apoio. São aquelas pessoas que sabem, que você sabe que vão estar lá para te apoiar, que sempre que você precisar vai estar lá com você. Aquela pessoa que você considera a sua família é aquela pessoa que você sabe que você pode contar, que vai estar lá pra você quando você chegar em casa, ouvir você falar, tudo, independente da relação que você tem com ela mesma.” (S.1, S.5, S.9, S.11 e S.15).

DSC 2: Família não precisa ter laços de sangue

Ideia Central: É um grupo que não é constituído só de pessoas do mesmo sangue.

“Acho que família pra mim é, não é um lugar, mas sim um conjunto de pessoas que tem afeto, que não precisa necessariamente ser ligado por, pelo sangue. Não precisa ter laço sanguíneo. Não tem que ter, quer dizer, exigências de ligação sanguínea, de espécie, de

gênero. Existem as famílias que adotam crianças e elas não tem laços consanguíneos, família homossexual também que não tem como ter filhos consanguíneos. É um grupo que não é constituído só de pessoas do mesmo sangue. Engloba diversos tipos de pessoas. É, amigos, parentes. Tem gente que considera família só com os amigos, que às vezes a família mesmo de sangue não é a família pra ele, mas que os amigos são a família, mas aquilo pra ele é constituição de família. Às vezes a pessoa tem a família de sangue, mas ela também, ela não convive muito, não se dá bem e considera amigos como família. Se você mora com cinco amigos e são as pessoas que você tem na sua vida, que você convive, um ajuda o outro, está junto na dificuldade, está junto quando está em momento bom, pra mim isso é família, mesmo isso não partindo de via consanguínea você pode encontrar família em vários lugares. Família no meio de amigos e no meio de outras ramificações de parentesco. Acho que é mais importante o sentimento que a gente tem com as pessoas do que um laço sanguíneo mesmo, sabe?.” (P.1, P.2, P.3, P.6, P.7, P.10, P.11, P.12, P.13, P.14 e P.15).

DSC 3: Família é um espaço de afetividade, cuidado, suporte, amor

Ideia Central: É uma relação de afetividade entre as pessoas que convivem.

“Família é qualquer, qualquer grupo que conviva com laço. Um grupo de pessoas que se identificam entre si no sentido de criar laços, vínculos afetivos profundos, sabe? Que tenha um cuidado um com outro, que tem sentimento bom um pelo outro. Que queira o outro bem, que convivem bem. Relação de cuidado mesmo. Relação de cuidado, de troca. Pra mim família é isso, eu não consigo pensar em outra, outro conceito de família. Às vezes eu penso que é uma relação de afetividade entre as pessoas que convivem, são as relações de afeto. Talvez algumas das mais fortes que a gente pode ter. Eu acho que pode ser nosso ponto de partida e nosso ponto de chegada. É onde você sente bem, que você tenha liberdade, que

vão estar lá pra você. Uma ligação muito forte entre pessoas também. Não só pessoas, mas também animais. É um lugar de amor, de suporte como eu já disse, de carinho, de amizade. Onde se sinta acolhido e com sentimentos bons de amor, afeto, essas coisas assim. Acho que isso. A gente confiar, a gente ter carinho, sentir um apego por essas pessoas. Acho que um ambiente que possa é, proporcionar momentos e que seja especial. Um conjunto de seres que, é, apresentam afeto entre si, positivo ou negativo. É composta por pessoas que você tem um laço forte de amor, carinho, que você tem sentimentos fortes por essas pessoas e eu acho que isso caracteriza família. Eu acho que o que caracteriza família, pra mim é isso, são os laços de, e sentimentos.” (P.1, P.4, P.5, P.6, P.7, P.8, P.9, P.10, P.12, P.13 e P.14).

DSC 4: Família é o que cada um define

Ideia Central: Acho que o critério é a pessoa considerar que ela está em uma família ou não.

“Acho que vai muito da pessoa o que que ela considera família para ela, sabe? Acho que depende, acho que é muito subjetivo. Acho que o critério é a pessoa considerar que ela está em uma família ou não. Depende muito do entendimento de cada pessoa. Não sei, da relação de cada pessoa com as demais pessoas da família. Porque às vezes também é a pessoa e um animal de estimação. Se uma pessoa com um cachorro, e ela se sentir bem, ela encontrar um apoio emocional significativo no cachorro, ou, é, só em outra pessoa ou às vezes até em ninguém. Se eu morasse com amigos e eu me sentisse bem com eles, seriam minha família, né? Então acho que são várias formas e vai muito da pessoa definir para ela o que é família. É muito difícil ter um conceito universal. Mas assim, independente da relação, aquela pessoa que você considera a sua família é aquela pessoa que você sabe que você pode contar.” (P.3, P.5, P.9, P.10, P.12 e P.13).

As concepções de família descritas nos quatro Discursos da primeira entrevista e nos quatro primeiros Discursos da segunda entrevista revelam representações aproximadas a conceitos modernos de família, ligados a vínculos afetivos e a sentimentos, independentes de laços de parentesco e consanguinidade. É possível observar que as descrições realizadas nestes Discursos são recorrentes nas duas entrevistas, frisando concepções que são marcadas por focar aspectos positivos das relações estabelecidas na família.

Os conteúdos apresentados, neste sentido, exploram aspectos presentes nos dias atuais e fruto das mudanças sociais e históricas ocorridas nos últimos tempos em termos de estruturação da instituição familiar. A família tem se transformado em sua essência, a começar pelo abandono das definições que no passado foram critério para sua designação como tal, como o casamento entre homem e mulher, a presença de filhos e laços de sangue. Essas mudanças são resultantes de fenômenos globais têm repercutido nesta instituição modificando suas relações e interferindo em sua dinâmica (Falceto & Waldemar, 2013).

Entre os Discursos é possível observar que a família é apresentada como um espaço de afetividade, onde os laços estabelecidos proporcionam condições para que as pessoas se sintam acolhidas e seguras, em ambiente capaz de gerar proteção. Essas representações discursivas aparentemente expõem que um espaço, para ser considerado “família”, deve apresentar aspectos positivos das relações entre seus membros, que criem condições para o desenvolvimento de vínculos.

No que concerne aos aspectos afetivos e vinculares envolvidos na família, deve-se considerar que estes elementos nem sempre fizeram parte da dinâmica familiar, tendo sido alterados ao longo dos anos (Ariès, 1973/2006). O sentimento de família nem sempre teve o mesmo significado e ainda hoje pode apresentar dicotomias, dependendo da cultura em que esta está inserida, sendo que, para alguns autores (Cúnico & Arpini, 2013; Roudinesco, 2003; Vitorello,

2011), a instituição familiar teria passado por fases relevantes que modificaram as formas de relacionamento e demarcaram novos modos de ser família durante a história da civilização.

A representação romantizada das relações familiares apresentada em parte dos Discursos se assemelha em alguns aspectos com um dos períodos de evolução vivido pelas famílias descrito por Roudinesco (2003) como sendo a fase moderna. Nesta fase a família é marcada pela vinculação por laços afetivos, o amor romântico, a reciprocidade de sentimentos, entre outros aspectos. Os discursos mostram que este ideal de família ainda é presente na sociedade contemporânea brasileira, sendo marcado pela união de pessoas sobre bases afetivas que envolvem sentimentos como o amor, companheirismo, amizade e união, entre outros.

Nessa direção, os Discursos dos Participantes ressaltam que as relações de consanguinidade não são critério único para delimitar família, pois esta instituição estaria fundada principalmente em laços de afetividade positiva; com isso as pessoas poderiam encontrar e definir por família indivíduos com os quais não possuem laços consanguíneos. A via consanguínea, deste modo, constitui-se como uma das formas pelas quais a família se institui, mas não se limita a ela.

Na atualidade existem diferentes condições (casamento entre pessoas do mesmo sexo, adoção singular, inseminação artificial, união estável sem casamento oficial entre pessoas, entre outros) que permitem estabelecer relações familiares, que rompem com padrões anteriores socialmente instituídos. Essas configurações familiares têm aparecido com cada vez mais frequência e não se fundam no modelo tradicional de família biológica (Rodriguez & Gomes, 2012). O laço consanguíneo, antes determinante para definir a que família o sujeito pertencia, hoje não possui a importância desfrutada no passado, quando determinavam a natureza dos vínculos familiares (Felippi & Itaquí, 2015).

Essas formas de parentalidade não tradicionais, pautadas pela filiação psíquica, e não necessariamente dependente da questão biológica, não estariam em condição periférica de menor

valor em comparação com a família nuclear (Rodriguez & Gomes, 2012). Os relacionamentos familiares, que essas diferentes possibilidades de organização engendram têm perpassado os espaços de atuação dos profissionais de Psicologia, sendo necessária a construção de processos de reflexão que os contemplem.

Os Discursos também apontam para as influências que a família exerce nas condições psíquicas das pessoas e como elas podem interferir em outras esferas do desenvolvimento, sendo ela uma sustentação para estes. Os Discursos revelam que a família tem um papel fundamental nesse desenvolver psíquico, pois, oferece bases para as pessoas se constituírem ao longo do ciclo vital. O papel desempenhado pela família torna-se então fundamental. A mãe (ou o seu substituto) caracteriza-se por ser o ambiente inicial da criança e responsável por compreender as necessidades, fornecer-lhe cuidados físicos, afetivos, alimentação, apresentar-lhe o mundo externo, entre outras funções, que desempenhadas com o apoio do pai (ou seu substituto) darão condições para o desenvolvimento (Serralha, 2016).

Assim, as experiências vividas pela criança/adolescente/jovem no contexto familiar contribuirão para sua formação e amadurecimento até a idade adulta. Portanto, a família não interfere apenas na forma como as pessoas se organizam em torno de papéis e posições sociais nas relações de parentesco, mas também no modo como a afetividade é construída e atravessa as relações entre pais e filhos, de uma geração a outra (Scorsolini-Comin & Santos, 2014).

Nos Discursos apresentados, a família é, portanto, compreendida como aquilo que cada pessoa define e considera subjetivamente. Neste sentido as pessoas podem se vincular com outras para além do grupo primário, desenvolvendo para com este um sentimento de pertencimento e nomear este novo grupo como família. Em certos grupos familiares os membros podem ter uma tendência ao isolamento ou à inclusão em outros grupos, e isso permitiria progressivamente a

aquisição em maior ou menor grau da autonomia e o estabelecimento de um sentimento de pertença a um grupo distinto do familiar original (primário) (Pichon-Rivière, 1983/2009).

A definição de família como sendo “o que cada pessoa nomeia”, não nega a existência do grupo primário, mas inclui nesta representação o vínculo com outras pessoas, que não necessariamente possuem relação de parentesco e até pode incluir animais, como sugerido. Este discurso também possibilita inferir que o mais importante é a vinculação, os sentimentos que são construídos ao longo da vida e não os que socialmente são “previstos” e definidos como mantenedores de uma relação familiar.

Famílias e suas configurações

O quinto Discurso apresenta representações de famílias enfocadas em diferentes configurações familiares, em maior visibilidade social na atualidade. Ele demonstra existirem diferentes formas de ser família, sendo que a estrutura não seria o primordial, mas sim o exercício de funções.

DSC 5 (Segunda Entrevista): Existem vários tipos de família

Ideia Central: Eu vi que têm vários jeitos de ter uma família.

“Mudou um pouco da concepção, de família não ser tão fechada. De ter outras possibilidades. Eu vi que têm vários jeitos de ter uma família. Não é necessariamente um pai e uma mãe. Pra mim estrutura não vale tanto, por exemplo, é, família não é um casal com filhos, entendeu? Não sei, eu acho que pode ter vários, várias constituições. A gente não deve se prender a um tipo só. Mas eu acho que construir novas maneiras de família. Eu acho que aquele negócio de família ser só homem, mulher, criança não! Casais homossexuais também são famílias. Têm outros tipos de família, como que engloba animais e a pessoa ser autossuficiente e se considerar a própria família. Pai, mãe, filho. Pai e avô. Tem só uma mãe e um filho, tem o neto e a avó, o tio e o sobrinho. Então, têm vários tipos.

É, por exemplo, tem gente que mora com o avô, sabe? Essas coisas. É difícil definir. Sei lá, pais, tios, avós, avós que cuidam dos, tipo, avó que é tipo mãe. Vem cachorro, vem passarinho, vem gato, vem tudo.” (P.1, P.4, P.6, P.8, P.12, P.15 e P.16).

O quinto Discurso apresenta as mudanças nas representações de família dos Participantes após a realização dos grupos operativos e destaca a conscientização sobre a existência de configurações familiares diversificadas. Ele enfatiza aspectos da organização familiar que são fruto das mudanças ocorridas nos últimos anos, como as descritas por Roudinesco (2003). Elas giram em torno da união entre pessoas do mesmo sexo, da constituição de famílias para além dos vínculos biológicos, da recomposição familiar após divórcios, entre outros. O discurso enfatiza também alterações no nível dos dinamismos familiares na reorganização dos papéis estabelecidos no ambiente doméstico, decorrentes ou não da configuração que esse grupo assume. Neste sentido, a representação dos Participantes é a de que família pode ser uma pessoa vivendo sozinha, ou mesmo um sujeito em interação com animais de estimação que ele considera pertencente ao seu círculo familiar.

Ao analisar o Discurso há de ser considerado que configurações familiares diversificadas sempre existiram, porém não tinham a mesma visibilidade sociocultural observada na atualidade. Com o decorrer do tempo, tornou-se necessário pensar e debater sobre as “novas” organizações vinculares, incluindo famílias monoparentais, adotivas, homoparentais, os divórcios e novos casamentos, e as famílias reconstituídas que incorporam filhos e parentes de casamentos de origem, entre muitas outras (Gomes & Neves, 2016; Martinez & Barbieri, 2011; Rodriguez & Paiva, 2009; Santos & Gomes, 2016). Tal Discurso evidencia aspectos que integram o cotidiano social que, todavia, podem ser omitidos no processo de ensino quando não discutidos e problematizados. Embora os Participantes tivessem conhecimento da existência destas outras possibilidades de ser

família, eles não as mencionaram na entrevista inicial. Contudo, após os processos de grupo terem ocorrido, múltiplas formas de ser família e exercitar a parentalidade passaram a integrar os Discursos, sugerindo que a realização dessa atividade contribuiu para favorecer o desenvolvimento de uma atitude mais flexível, tolerante e inclusiva nos Participantes.

Desse modo, apesar dessas configurações familiares terem ganhado maior visibilidade sociocultural nos últimos tempos, ainda há resistência em aceitá-los. O modelo reconhecido pela sociedade costuma ser mais restrito e ainda considera a família prioritariamente na perspectiva nuclear-monogâmica, organizada a partir de um casamento heterossexual. Muitas vezes esta representação social de família norteia os padrões educacionais vigentes e acaba por segregar as organizações que se opõem a esse imaginário social (Rodriguez & Paiva, 2009). Sendo assim, essas ideias tradicionais de família ainda figuram como norma instalada no imaginário coletivo, sendo as demais configurações e possibilidades familiares geralmente classificadas a partir dessa referência (Santos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013).

Estas possibilidades de ser e viver em família além do modelo nuclear necessitam ser consideradas em processos de formação de futuros psicólogos, pois existem omissões quanto a elas nas grades curriculares de vários cursos, além verbalização constante por parte de professores e profissionais de que esta instituição estaria em crise e rumo ao declínio. No Brasil, um movimento ilustrativo dessa tentativa de deslegitimar as famílias que não se inscrevem no arranjo tradicional pode ser encontrado no Projeto de Lei 6583/13 que tramita na Câmara Federal, o qual criaria o Estatuto da Família, definindo-a como núcleo formado por meio da união entre homem e mulher (Felippi & Itaquí, 2015). Neste projeto há a menção de que a família vem sofrendo com as rápidas mudanças sociais, enfrentando uma situação de crise e que, apesar de a Constituição prever o Estado como protetor desse núcleo, não existem políticas públicas para a valorização desta instituição (Felippi & Itaquí, 2015).

Polêmicas em torno desta suposta crise da família não constituem algo novo na história (Felippi & Itaquí, 2015), pois há que ser considerado que esta instituição esteve e está em transformação constante ao longo dos anos. Porém, delimitá-la à definição proposta no referido Projeto de Lei caracteriza-se como um retrocesso e uma legitimação da heteronormatividade por uma Lei Federal. Em última instância, isso pode tolher direitos adquiridos por determinados grupos de pessoas de se organizarem em torno de uma relação que poderia ser descrita como família.

Essas questões, muitas vezes polêmicas para quem chega ao mundo universitário pela primeira vez e ainda “durante a adolescência”, estiveram presentes durante as últimas entrevistas, parecendo haver ganho maior visibilidade nos Discursos dos Participantes, tornando-se temas manifestos, co-construídos e compartilhados naquele espaço e tempo. Esse tipo de movimentação, instigada pelos processos de grupo, terminou por demonstrar um outro tipo de Discurso, a ser debatido no próximo item.

Importância de processos grupais para reconfigurações nas representações de família

O sexto Discurso reflete como o processo grupal e a dinâmica de funcionamento do grupo conduziram os Participantes, em movimentos reflexivos, a redimensionarem formas de pensar e viver situações e cotidianos envolvendo famílias. Neste Discurso são apresentados conteúdos referentes às representações de famílias e às mudanças ocorridas após a participação nos grupos desenvolvidos durante o semestre, embora a pergunta norteadora das entrevistas não visasse instigar ponderações sobre essas modificações. Nesses Discursos também são evidenciadas incertezas e dúvidas quanto ao que a instituição familiar seria, bem como quanto à abertura para considerar as particularidades que cada família poderia ter.

DSC 6 (Segunda Entrevista): Mudança na representação de família

Ideia Central: Ah, mudou um pouco da concepção, de família não ser tão fechada.

“Eu acho que eu não vou falar a mesma coisa que eu falei no começo por que a gente mudou de lá para cá, né? Ah, mudou um pouco da concepção, de família não ser tão fechada. De ter outras possibilidades. Eu tinha uma visão mais restrita de família. Aí depois foi abrangendo. Aí eu penso que pode ser várias coisas agora. Eu pensava que, que quando as pessoas se dirigiam à família, por exemplo, te perguntavam: ‘aí, o que que é família?’ Eu pensava que eles estavam, que as pessoas estavam, tipo assim, ‘aí me fala se família é tipo: a mãe’, mais a estrutura sabe? Agora, depois de todos esses encontros eu acho que eu posso falar um pouco mais. Na primeira vez eu respondi que eram pessoas que se gostam, ou gostam de bichinhos. Só que aí, depois dos filmes eu não sei se elas têm que se gostar para se sentir família. Antes eu tinha uma visão de que família era só, tipo, de sangue ou adotado, mas na verdade se, se eu morasse com amigos e eu me sentisse bem com eles se, seriam minha família, né? Depois de tudo que a gente viu nos filmes, todas as discussões... parece que eu fico mais em dúvida ainda. Eu acho que depois de tudo o que a gente discutiu, acho que é muito difícil explicar, hoje, pra mim. Ainda não tenho um conceito formado. Para mim fica muito difícil definir uma coisa só. Eu gostei de abrir, assim, a cabeça com o processo todo que a gente teve. De não ter um conceito pré-definido, acho que abriu muito a minha cabeça para isso. À medida que as pessoas foram falando, que reflexões foram surgindo, que fatos do filme que eu não reparava me foram trazidos novamente, eu acho que só reforçou coisas que eu já sabia, só que eu não conseguia transmitir pra mim mesma em forma de pensamento ou passar para outras pessoas na forma de palavras. Claro que eu agreguei algumas coisas que eu não vou conseguir me lembrar agora, de vivência das, das outras participantes, dos filmes, dos debates que a

gente tirou do filme que não era nem experiência própria e nem só do filme, era coisa que surgia, que, claro que me agregou, assim, à minha concepção de família. Abrangeu mais do quesito de outros tipos de família. Foi muito bom mesmo. Foi enriquecedor, acho que acrescentou muita coisa. Principalmente os debates terem sido tão abertos. A gente tem, tinha oportunidade de ramificar para outros pontos além da família, discutia isso e acabava caindo em outros pontos que englobava a família. Eu não sei mais, assim, é, acho que depois dos grupos eu comecei a refletir muito e eu vi que têm vários jeitos de ter uma família. Eu, é, agora é mais confuso pra mim. Não que seja ruim isso, mas é mais difícil pra mim definir alguma coisa como família. E eu achei isso bom, porque eu comecei a refletir muitas coisas e eu comecei a ver que eu tinha muita, muitos padrões na minha cabeça. Muito, muita coisa de que família era só aquela representação de propaganda de margarina e aí agora eu comecei a ver que têm vários tipos de família. O grupo me ajudou muito também nisso, nessa questão, de olhar para as outras famílias e ver que cada uma tem um tipo, tem uma característica diferente e isso não vai tornar ela menos ou mais família. Queria falar que eu achei muito interessante. Eu consegui ver vários acontecimentos, várias coisas que podem acontecer numa família, sabe? Podem mudar ela sem fazer ela deixar de ser uma família, como eu disse. Agora quando falam a palavra 'família' para mim, vem tanta coisa na cabeça que eu fico até confusa.” (P.1, P.3, P.4, P.8, P.9, P.10, P.12, P.13, P.15 e P.16).

O conteúdo desse Discurso evidencia como os grupos operativos possibilitaram mudanças nas representações de família dos estudantes, além de terem permitido a discussão de outros assuntos que emergiam no processo grupal. O Discurso também evidencia elementos presentes na dinâmica dos grupos operativos de aprendizagem como a interação, o movimento dialético de

construção conjunta de um referencial comum, o processo de aprender a aprender, entre outros (Bleger, 1979/2007). Esses aspectos da dinâmica grupal e suas peculiaridades serão abordados em estudo futuro.

Os Participantes revelam também que os grupos os auxiliaram a perceber as configurações familiares diferentes da nuclear como “normais”, pois cada família se organiza de uma forma específica. Essa reflexão estendeu-se às próprias famílias dos estudantes. Outros emergentes surgidos nas entrevistas foram dúvidas e questionamentos em relação à delimitação de uma definição de família e o fato de, a partir de tudo que foi debatido, ser mais difícil criar um conceito único. Esse movimento, contudo, mostra-se muito relevante para a construção de saberes na formação acadêmica e para a própria constituição da subjetividade.

Como afirmam Felippi e Itaquí (2015), abordar o tema família é uma tarefa complexa, pois todo mundo pertence a algum tipo de família de modo que as ideias, percepções e reflexões sobre esta instituição, por mais objetivas que sejam, estão inevitavelmente marcadas pela experiência de cada sujeito, tanto de suas famílias de origem quanto daquelas que estes podem constituir. Neste processo pode haver um movimento, próprio das mudanças advindas da vida universitária, que parece colocar em conflito os saberes adquiridos durante a vida com os saberes científicos que passam a ser apresentados na universidade e, especialmente no caso destes Participantes, em curso situado nas Ciências Humanas.

A formação universitária do psicólogo deveria proporcionar o constante questionamento sobre ideias cristalizadas em torno da instituição familiar, ponderando sobre a importância que ela assume na vida das pessoas. É fato que ela continua, conforme Roudinesco (2003), sendo sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas orientações sexuais e condições, e sendo reconhecida para, como necessária ao amadurecimento dos indivíduos (Serralha, 2016).

É importante ressaltar que este último Discurso apresenta o antes e o depois das representações sobre família dos Participantes dos processos grupais. Ele parece demonstrar, assim, que no processo formativo de psicólogos atividades como esta são importantes para a aquisição e reposicionamento de conhecimentos, além de possibilitar o desenvolvimento de um olhar crítico sobre assuntos que são essenciais para o desenvolvimento profissional.

Considerações Finais

Os dados obtidos permitiram organizar Discursos Síntese que expressam as representações de estudantes do curso de Psicologia sobre família. Os resultados evidenciam diferentes concepções, sendo que os Discursos não delimitam família somente no sentido de estrutura, mas contemplam relações e sentimentos que ocorrem no âmbito das relações familiares e que dão sentido para a definição de família.

Debates sobre família são importantes no processo formativo em Psicologia, devido ao papel fundamental que essa instância assume na produção das subjetividades, na normalidade e na patologia, e às influências que exerce no contexto sociocultural. Esse tipo de atividade não finda e nem finda o próprio tema gerador das entrevistas, uma vez que as constantes transformações ligadas à história individual de cada sujeito, às dimensões históricas, econômica, cultural e política se alternam ao longo do tempo, produzindo novos sentidos e possibilidades de ser, viver e pensar sobre famílias.

A Psicologia, por integrar as Ciências Humanas, cujo foco de estudo e intervenção são os sujeitos e as relações que estes estabelecem entre si e com as instituições sociais, tem o compromisso de estar atenta a quaisquer possibilidades de limitação e naturalização do que venha a ser família. A delimitação eventual de conceito unívoco implica em serem apartadas possibilidades contemporâneas de ser família e que somente nos últimos anos têm ganhado

visibilidade. O Discurso 6 consolida e demonstra que esse tipo de pensamento, advindo de universitários jovens e que recém-adentraram a Psicologia, transborda eventuais “teorizações” de caráter unicamente acadêmico.

O DSC contribuiu para o levantamento de possíveis Discursos sobre o que representa família para estudantes calouros. Ao fazê-lo, trouxe à baila a importância de existirem propostas de atividades no momento de chegada à universidade para ensejar a reflexão e, se for o caso, o reposicionamento frente a temas caros à formação do psicólogo, como é o caso da instituição familiar. Além disso, esse método permitiu a organização dos dados, criando Discursos Sínteses representativos do pensamento de uma coletividade.

Os resultados revelam que os enfoques dos Discursos desenvolvidos não estão ligados somente a questões de estrutura, configurações ou formas de ser família. Os Discursos abordam sobretudo tópicos relacionados às relações e vínculos que podem ser estabelecidos dentro e fora do ambiente familiar e que servem de base para a nomeação do que constitui família.

Os Discursos Síntese elaborados estão ligados à definição de família como ambiente permeado por aspectos positivos, tanto na primeira entrevista como na segunda. Porém, não se limitaram a isso. É relevante considerar que, após os processos grupais, emergiram inquietações, dúvidas, realinhamentos de representações antigas, bem como incertezas quanto à real necessidade de definir esta instituição, que foram importantes para demonstrar a relevância de atividades que promovam a reflexão e o diálogo no ambiente acadêmico.

Os resultados também mostram que o ingresso no curso de Psicologia, atrelado à participação nos processos grupais, possibilitou mudanças na formação acadêmica e em aspectos pessoais dos Participantes. As mudanças oriundas do aprendizado acadêmico devem ser consideradas, uma vez que o início do Curso de Psicologia permite aos Participantes contatarem

conteúdos novos e próprios desta Ciência, e a oportunidade de refletirem sobre o desenvolvimento de pessoas e instituições.

As mudanças pessoais mencionadas podem ser decorrentes da reflexão proporcionada conjuntamente pelo grupo operativo sobre as diferentes possibilidades de ser e viver família e pela internalização dos conteúdos estudados em sala de aula, fazendo com que os Participantes passassem a questionar e a reposicionar suas próprias configurações familiares. É importante considerar que essas experiências ocorreram em um momento de vida no qual muitos dos Participantes haviam se distanciado fisicamente do ambiente familiar pela primeira vez. A possível solidão experimentada e o ganho de importância da relação com os pares nesse momento provavelmente interferiram nos relatos, como no instante em que os DSC indicaram desconforto por não conseguir “definir” o que seria família. Aprender a aprender também promove desarranjos psíquicos, para além de ser algo simplesmente desejado, na esperança de que o desenlace seja o de uma reestruturação criativa que impulsiona o desenvolvimento pessoal.

Referências

- Antunes, M. A. M. (2012). A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 32(spe), 44-65.
- Ariès, P. (2006). *História social da criança e da família*. (D. Flashman, Trad.). (2ª ed). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1973)
- Baima, L. S., & Guzzo, R. S. L. (2015). Formação em psicologia e prática comunitária: problematização da psicologia social comunitária no Brasil. *Revista Psicologia Política*, 15(32), 33-47.
- Bastos, A. V. B., & Gondim, S. M. G. (2010) (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.

- Bleger, J. (2007). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. (3ª ed.). (R. M. M., Moraes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979)
- Brasil. (1962). *Lei 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: Autor.
- Brasil. (2011). *Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Psicologia: Resolução n. 5, de 15 de março de 2011*. Brasília: Conselho Nacional de Educação / Câmara de Ensino Superior.
- Capitão, C. G., & Romaro, R. A. (2012) Concepção psicanalítica da família. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 27-37). Porto Alegre: Artmed.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando Famílias*, 17(1), 28-40.
- Cury, B. M., & Ferreira Neto, J. L. (2014). Do currículo mínimo às diretrizes curriculares: os estágios na formação do psicólogo. *Psicologia em Revista*, 20(3), 494-512.
- Duarte, S. J. H., Mamede, M. V., & Andrade, S. M. O. (2009). Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: representações sociais e discurso do sujeito coletivo. *Saúde e Sociedade*, 18(4), 620-626.
- Falceto, O. G., & Waldemar, J. O. C. (2013). O ciclo vital da família. In C. L. Eizirik., & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 95-110). Porto Alegre: Artmed.
- Feitosa, M. A. G. (1999). Desafios para a implantação dos novos currículos de psicologia à luz das diretrizes curriculares. *Temas em Psicologia*, 7(3), 235-243.

- Felippi, G., & Itaquí, L. G. (2015). Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. *Pensando Famílias*, 19(1), 105-113.
- Féres-Carneiro, T. (2014). Construindo saberes em Psicologia: o desafio de articular diferentes teorias e práticas. *Temas em Psicologia*, 22(4), 953-964.
- Figueiredo, M. Z. A., Chiari, B. M., & Goulart, B. N. G. (2013). Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. *Distúrbios da Comunicação*, 25(1), 129-136.
- Freud, S. (1996a). Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade outros trabalhos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1901-1905)
- Freud, S. (1996b). Duas histórias clínicas: o pequeno Hans e o homem dos ratos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (Vol. X). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1909)
- Freud, S. (1996c). Totem e tabu e outros trabalhos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913-1914)
- Gomes, L. R. S., & Neves, A. S. (2016). A clínica de família: interrogações sobre o traumático, a dinâmica vincular e a violência como organizadores do grupo familiar. *Estilos da Clínica*, 21(1), 152-169.
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2014). Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto & Contexto Enfermagem*, 23(2), 502-507.
- Martinez, A. L. M., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 175-185.
- Pichon-Rivière, E. (2009). *O processo grupal* (8ª ed.). (M. S. Gonçalves, & M. A. F. Velloso, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1983)

- Rodriguez, B. C., & Gomes, I. C. (2012). Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 29-36.
- Rodriguez, B. C., & Paiva, M. L. S. P. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo - Revista do NESME*, 1(6), 13-27.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. (1ª ed.). (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Santeiro, T. V., Santeiro, F. R. M., Souza, A. M. O., Juiz, A. P. M., & Rossato, L. (2014). Processo grupal mediado por filmes: espaço e tempo para pensar a Psicologia. *Revista da SPAGESP*, 15(1), 95-111.
- Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2016). *The L Word – Discussões em torno da parentalidade lésbica*. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 36(1), 101-115.
- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 26(3), 572-582.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2014). De que substância é feito o amor? A construção da conjugalidade em Guimarães Rosa. *Revista Subjetividades*, 14(1), 17-28.
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: CRV.
- Vitorello, M. A. (2011). Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor? *Psicologia da Educação*, (32), 7-24.
- Yamamoto, O. H., & Costa, A. L. F. (Orgs.) (2010). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*. Natal: EDUFRN.

Estudo 2

Pensar famílias no processo de formação em Psicologia: Experiências grupo-operativas com calouros

Thinking about families in the process of training in Psychology: Group-operative experiences with freshmen

Resumo

Famílias e suas configurações têm sido objeto de estudo da Psicologia pelas funções que assumem no desenvolvimento dos sujeitos e pelo valor simbólico que lhes são atribuídos social e subjetivamente, sendo necessário discuti-las e ponderá-las no processo de formação de psicólogos. Este estudo objetivou debater família e suas diferentes formas de organização com calouros de Psicologia. Trata-se de pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, realizada por meio de grupos operativos de aprendizagem, tendo filmes comerciais como recursos mediadores. Participaram 16 estudantes, com idade entre 17 e 21 anos, de universidade pública do interior de Minas Gerais. Nove encontros semanais foram desenvolvidos, com duração de aproximada de 3 horas cada, audiogravados, transcritos na íntegra, analisados e discutidos amparados na abordagem psicanalítica, principalmente de autores da escola winnicottiana e de referencial Pichoniano. Os principais emergentes grupais foram levantados e duas categorias criadas *a posteriori*: 1) famílias e suas configurações, e 2) Grupos e formação em Psicologia. Configurações familiares como a extensa/ampliada, formadas por casais do mesmo sexo, adotiva, unipessoal, recomposta, foram apresentadas aos estudantes, que manifestaram e compartilharam conhecimentos, sentimentos e vivências respectivas. Os debates ocorreram num processo dialético, articulando conteúdos surgidos no processo grupal com temas estudados em sala de aula e vividos em atividades extracurriculares e na esfera privada dos Participantes. Os grupos desenvolvidos se constituíram em espaço fecundo onde elaborações e reelaborações de representações sobre a instituição familiar puderam ser co-construídas.

Palavras-Chave: Relações familiares; Formação do psicólogo; Grupos; Grupos Operativos.

Abstract

Families and their configurations have been the subject of a study of Psychology by the functions they assume in the development of people and the socially and subjectively symbolic value attributed to them, and it is necessary to discuss and ponder them in the process of training psychologists. This study aimed to discuss family and its different forms of organization with freshmen of Psychology. It is an action research, with a qualitative approach, carried out through operative learning groups, with commercial films as mediating resources. Sixteen students, aged between 17 and 21, from a public university in the interior of Minas Gerais took part. Nine weekly meetings were developed, lasting approximately 3 hours each, audio recorded, transcribed in full,

analyzed and discussed supported by the psychoanalytic approach, mainly authors of the Winnicottian school and Pichonian referential. The main emerging groups were raised and two categories created *a posteriori*: 1) families and their configurations, and 2) Groups and training in Psychology. Family configurations such as extended/extended, formed by same-sex couples, adoptive, single-parent, recomposed, were presented to the students, who expressed and shared their respective knowledge, feelings and experiences. The debates took place in a dialectical process, articulating contents emerged in the group process with themes studied in the classroom and lived in extracurricular activities and in the private domain of the participants. The developed groups became a fecund space where elaborations and re-elaborations of representations about the family institution could be co-constructed.

Keywords: Family relations; Psychologist training; Groups; Operative Groups.

Introdução

A Psicologia, organizada em torno de um conjunto de evidências e análises teóricas acerca de fatos e fenômenos humanos, produziu as condições necessárias ao processo de institucionalização da profissão no país (Cruz, 2016). Desde 1962, tem-se evidenciado necessidades de se pensar e repensar a atuação do psicólogo (Antunes, 2012; Japur, 1994; Scarcelli & Junqueira, 2011), procurando atender às necessidades específicas da população brasileira.

O constante processo de reflexão e discussão da profissão e ciência psicológica tem produzido mudanças significativas na forma de entender os sujeitos e as instituições ao longo dos anos. Estudos como os de Cury e Ferreira Neto (2014) e Lisboa e Barbosa (2009), demonstram, dentre as mudanças ocorridas, o surgimento de novas demandas e contextos de atuação, principalmente os que emergiram da ampliação das condições de atendimento à população, por meio da implementação de políticas públicas.

O movimento de pensar novas formas de atuação em Psicologia fez-se necessário, pois a formação de psicólogos era alvo constante de críticas que a caracterizavam de modo desvinculado das necessidades da sociedade (Baima & Guzzo, 2015). Deste modo, as transformações nas formas de considerar a ciência e a profissão proporcionaram refletir norteadores para que cursos de graduação ofertem componentes curriculares que auxiliem os estudantes a compreenderem

fenômenos de ordem sociocultural e subjetiva, característicos do desenvolvimento humano, de modo abrangente.

Considerando estes aspectos gerais, o processo formativo de psicólogos tem sido orientado para a promoção de condições de capacitação de universitários para a atuação profissional, a pesquisa e o ensino de Psicologia (Brasil, 2011). Para tanto, deve considerar os diferentes contextos onde os futuros profissionais poderão ser inseridos após a conclusão da formação e onde irão lidar com sujeitos, grupos e instituições, em atendimentos individuais e/ou coletivos/grupais.

Entre as instituições, com as quais os futuros profissionais de Psicologia terão que trabalhar encontra-se a família. Ela tem sido considerada como um sistema complexo, diretamente ligado aos processos de transformação histórica, social e cultural (Cúnico & Arpini, 2014), que afeta os sujeitos a ela pertencentes, outras instituições e a comunidade onde está inserida, sendo importante de ser analisada tanto em relação aos aspectos históricos que incidem sobre ela, quanto em relação aos papéis e funções que assume na atualidade.

A instituição familiar caracteriza-se como um dos primeiros espaços de inserção das pessoas, desde o nascimento. De acordo Lisboa e Féres-Carneiro (2015), se constitui como um centro de relações interdependentes, onde os sujeitos irão demandar sempre a presença do outro, desde o início de suas vidas. No estudo contemporâneo desta instituição, alterações ocorridas em sua dinâmica e no desempenho das funções parentais têm sido evidenciadas, como as descritas por Roudinesco (2003), dando visibilidade aos seus diferentes contornos. Assim, torna-se mister que a formação em Psicologia enfoque elementos que têm caracterizado as famílias e as diversas formas pelas quais têm se apresentado, de modo a demonstrar sua complexidade.

Na contemporaneidade, é possível se deparar com configurações diversas que são descritos por família, como a monoparental por opção, a pluriparental, os casais sem filhos por opção, a formada por casais do mesmo sexo, as recompostas, as adotivas e as unipessoais (Féres-Carneiro,

Machado, Mello, & Magalhães, 2017; Martinez e Barbieri, 2011; Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Rodriguez, Gomes, & Oliveira, 2017). Dessa maneira, a família nuclear, modelo evidenciado historicamente, tem coexistido com ampla e complexa gama de possibilidades (Cúnico & Arpini, 2014; Féres-Carneiro et al., 2017), que devem ser consideradas pelos futuros psicólogos.

Considerando o exposto, acredita-se ser fundamental que estudantes de Psicologia se insiram em contextos e situações acadêmicas nas quais famílias sejam alvo de reflexões e debates. Entre os meios que podem auxiliar esse trânsito estudantil estão os grupos operativos de ensino e aprendizagem, propostos inicialmente por Pichon-Rivière e Bleger.

Os grupos operativos são descritos como um conjunto de pessoas com objetivo comum, que procuram abordar uma temática e trabalhar em equipe (Bleger, 1979/2007). Caracterizam-se por terem objetivos, problemas, recursos e conflitos que devem ser estudados e considerados pelo próprio grupo à medida que surgem e que serão examinados em relação com a tarefa e em função dos objetivos propostos (Bleger, 1979/2007; Castanho, 2012; Pereira, 2013; Tubert-Oklander & Tubert, 2004). São distintos dos grupos terapêuticos, embora assumam essa função indiretamente, pois se tratam de instrumento de trabalho e de investigação que promove mudanças de diversas naturezas, a depender dos recursos de seus integrantes.

Entre os grupos operativos, os de ensino-aprendizagem constituem-se como uma das modalidades possíveis que estes podem assumir. Eles se caracterizam por focar o aprender a aprender, buscando desenvolver condições para que os sujeitos reflitam e construam um esquema referencial a partir das experiências do campo grupal, o qual pode ser transformado num movimento dialético. O grupo prepara-se para aprender e isso é alcançado enquanto o próprio grupo trabalha. Nessa concepção, o ensino e a aprendizagem são conceitos dialéticos inseparáveis, integrantes de um processo único em permanente movimento, sendo que quando tem alguém que aprende, tem alguém que ensina e na tarefa de ensinar também se aprende (Bleger, 1979/2007).

O processo grupal, assim, é marcado por uma construção da realidade em conjunto. O esquema referencial grupal possibilita a atuação em equipe, com unidade e coerência, o que significa que os integrantes do grupo trabalhem com sua ideologia e que as ideologias opostas sejam trabalhadas no grupo (Bleger, 1979/2007).

Em termos de aplicação, os grupos operativos têm sido utilizados nos mais diversos contextos: clínicas, escolas, empresas, comunidades, variando, principalmente, com relação à tarefa grupal (Almeida, Melo-Silva, & Santos, 2017; Pereira, 2013; Silveira & Ribeiro, 2015; Tubert-Oklander & Tubert, 2004). Devido à amplitude de possibilidades de emprego desse modelo grupal e à sua importância enquanto método de reflexão e discussão, este trabalho apresenta processos em grupos operativos de aprendizagem, com objetivo de promover o pensar e o discutir família e suas diferentes formas de organização, junto a estudantes de Psicologia, em momento formativo inicial.

O conhecimento e o trabalho com grupos na formação de estudantes de Psicologia têm sido uma das competências enfatizadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais/DCN (Brasil, 2011). Sabe-se, igualmente, que o conhecimento teórico e prático sobre grupos constitui aspecto importante, também na prática profissional (Almeida, Melo-Silva, & Santos, 2017). Além destes aspectos, para os universitários a participação em processos grupais pode constituir-se como espaço para pensarem e vivenciarem fenômenos envolvidos nas suas dinâmicas (Santeiro, Santeiro, Souza, Juiz, & Rossato, 2014; Silveira & Ribeiro, 2015).

Considerando a importância de compreender diferentes configurações familiares e os grupos operativos de aprendizagem enquanto técnica possível, este estudo objetivou debater família e suas diferentes formas de organização com calouros de Psicologia.

Método

Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa-ação (Breakwell, Hammond, Fife-Schaw, & Smith, 2010), amparada na abordagem qualitativa de pesquisa, realizada por meio de grupos operativos de aprendizagem.

Participantes

Estudantes calouros de um curso de graduação em Psicologia (N=16), com idade entre 17 e 21 anos, 15 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, solteiros, de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), situada no interior do Estado de Minas Gerais.

Equipe Executora

Três psicólogos: um coordenador (estudante de mestrado em Psicologia, com três anos de experiência profissional), um co-coordenador (doutor em Psicologia, com 18 anos de experiência profissional) e uma observadora (recém-formada em Psicologia).

Recursos e Técnicas Utilizadas

Grupos operativos de aprendizagem, inspirados no modelo da escola psicanalítica argentina (Bleger, 1979/2007; Pichon-Rivière, 1983/2009) com filmes comerciais como recursos mediadores. Os títulos utilizados são apresentados na Tabela 1.

Local

Sala de aula da IFES de vínculo dos Participantes. A sala possuía cadeiras, ar condicionado e equipamento de projeção (*Datashow*).

Procedimentos

A equipe executora convidou todos os estudantes matriculados no primeiro semestre letivo de 2016 a integrarem o estudo e explicou brevemente a natureza deste, em âmbito de sala de aula. Aos interessados foi marcado dia e horário para detalhamentos.

No dia agendado o conjunto de estudantes convidados foi informado sobre objetivos e procedimentos gerais, previstos para desenvolvimento da pesquisa. Foi explicado que seriam realizados nove encontros, com duração média de 3 horas cada, semanalmente, e que as atividades requeriam pontualidade, assiduidade e disponibilidade de tempo devido à dinâmica prevista (grupo operativo de aprendizagem). Também foi elucidado que faltas persistentes sem justificativa ou faltas constantes, mesmo com justificativa, acarretariam no desligamento das atividades. Quatro encontros foram estipulados consensualmente como tempo previsto para o fechamento do grupo; após este período não seriam aceitos novos membros.

Tabela 1

Filmes utilizados (título em português brasileiro), diretor (ano de produção), indicação e composições familiares apresentadas, ordenados conforme a exposição na pesquisa.

Filme	Diretor (Ano)	Indicação	Composição Familiar (Dos Protagonistas)
<i>Pular (Curta Metragem)</i>	Luckey (2003)	Equipe Executora	Não se aplica
<i>Pequena Miss Sunshine</i>	Dayton e Faris (2006)	Equipe Executora	Pai, mãe, filha, filho (do primeiro relacionamento da mãe), avô (paterno) e tio (materno)
<i>Minhas mães e meu pai</i>	Cholodenko (2010)	Equipe Executora*	Duas mães, filha e filho
<i>Juno</i>	Reitman (2008)	Participantes	Pai, madrasta e filha
<i>Precisamos falar sobre o Kevin</i>	Ramsay (2012)	Participantes	Pai, mãe, filho e filha
<i>Preciosa: uma história de esperança</i>	Daniels (2009)	Participantes	Mãe e filha
<i>Meu Malvado favorito</i>	Coffin e Renaud (2010)	Equipe Executora	Pai e três filhas
<i>Her</i>	Jonze (2013)	Equipe Executora	Homem (Divorciado)
<i>Que horas ela volta?</i>	Muylaert (2015)	Equipe Executora	Pai, mãe, filho (Família 1) Mãe e filha (Família 2)
<i>Minha mãe é uma peça - O filme</i>	Pellenz (2013)	Participantes	Mãe, filho e filha

* Neste dia os Participantes haviam escolhido o filme, mas problemas técnicos impediram a exibição da película. A equipe executora substituiu por outro.

Após as explanações sobre o enquadre dos trabalhos, foi realizado o convite para vivenciarem, na prática, como seriam os processos grupais, por meio de uma simulação. A simulação consistiu na exibição do curta metragem *Pular* (Luckey, 2003). Ao término da projeção, os estudantes foram convidados a formarem um círculo e foram incentivados a dialogarem sobre ele. Por fim, foi esclarecido que o processo consistiria no modelo que acabavam de vivenciar: exposição de filme, diálogos e reflexões sobre os aspectos que o grupo considerasse pertinentes, instigados pelos recursos fílmicos, estes selecionados de modo a retratar algo acerca de famílias e suas dinâmicas possíveis (cf. Tabela 1).

Assim, ao término da simulação, o enquadre de trabalho foi combinado coletivamente. Uma tolerância máxima de 10 minutos para a chegada foi negociada; após este período a porta seria fechada, para evitar interrupções na dinâmica grupal. Em seguida, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Menores foram apresentados aos estudantes que manifestaram o interesse em participar da pesquisa.

Os filmes assistidos foram escolhidos tanto pela equipe executora quanto pelos Participantes, processo de escolha influenciados pelo movimento do grupo em determinado dia de trabalho (emergentes grupais) e por aspectos indicados pela literatura especializada sobre família. Os grupos ocorreram durante nove semanas consecutivas, no primeiro semestre de 2016. A sala de aula era organizada em filas semelhantes à de um cinema, sendo após o término da projeção dos filmes organizado um círculo em que todos poderiam ser vistos e ouvidos. No centro do círculo eram colocados audiogravadores para registro das sessões.

Após a organização, os universitários eram convidados a falar sobre aspectos que consideravam importantes e que haviam lhe despertado sentimentos, pensamentos e reflexões. Esse momento era mediado pelos coordenadores e anotado pela observadora. Essas anotações objetivavam ser complementares em relação ao teor audiogravado e, posteriormente, eram

debatidas pela equipe. Após toda a coleta de dados os áudios foram transcritos na íntegra, para sustentar as análises.

Análise de Dados

A análise dos diálogos ocorreu por meio dos principais emergentes grupais levantados pela equipe executora, o que se deu com base em procedimentos próprios ao tipo de estudo realizado (pesquisa-ação), e foram organizados em duas categorias *a posteriori*, segundo os objetivos da pesquisa. Os dados foram interpretados à luz do referencial teórico da psicanálise, em especial de autores latino-americanos que estudam grupos operativos, tais como Bleger (1979/2007) e Pichon-Rivière (1983/2009) e com literatura científica da área de Psicologia da Família.

Considerações Éticas

Os procedimentos éticos para desenvolvimento de pesquisas com seres humanos foram seguidos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e consubstanciado por meio do parecer nº 1401863. Todos os direitos dos Participantes foram explicados e garantidos pela equipe executora, junto aos objetivos da pesquisa, sua importância e impacto para os Participantes e para a sociedade, de forma a revelar a necessidade do desenvolvimento do estudo.

Resultados e Discussão

Dos dez encontros realizados, nove foram analisados conforme o método apresentado. O primeiro grupo foi desconsiderado por ser de caráter explicativo e complementar ao convite formulado aos Participantes. Em cada um dos nove restantes foram levados filmes nacionais e estrangeiros (cf. Tabela 1) que, como dito, decorriam de emergentes grupais surgidos a cada encontro e enfocavam temáticas congruentes com o que a literatura especializada tem descrito

sobre organizações e relações familiares, na contemporaneidade (Féres-Carneiro et al., 2017; Martinez & Barbieri, 2011; Rodriguez, Gomes, & Oliveira, 2017; Roudinesco, 2003).

Além de assuntos que estavam claramente ligados à tarefa, outros emergentes grupais surgiram, atrelados ao contexto do filme ou à dinâmica vivenciada pelos Participantes, no grupo. Este aspecto está vinculado ao fato de que, por mais que se planeje a tarefa grupal, não há como prever quais rumos os encontros tomarão, quais assuntos serão trazidos à tona e as reações dos Participantes (Silveira & Ribeiro, 2015). Assim, embora a tarefa girasse em torno de refletir e debater famílias e a formação do psicólogo, os diálogos também englobaram formas como as relações ocorrem nesta instituição, fenômenos que a perpassam, entre outras temáticas, conforme apresentados na Tabela 2.

Considerando extensão e a profundidade de emergentes surgidos a cada encontro, duas categorias foram destacadas, seguindo os objetivos do estudo: 1) famílias e suas configurações; e 2) Grupos e formação em Psicologia. Deste modo, a discussão apreciará o conjunto geral dos nove encontros realizados, e não os encontros isolados.

Tabela 2

Número do encontro, filme apresentado, composição familiar e contexto geral do filme e emergentes grupais

Encontro	Filme	Composição familiar e contexto geral do filme	Emergentes grupais
1	<i>Pequena Miss Sunshine</i>	Pai, mãe, filho adolescente (do relacionamento da mãe), filha criança, tio materno e avô paterno, que decidem viajar para levar a filha a um concurso de beleza.	Família do filme e família dos Participantes. Composição familiar no filme: família “diferente”. União na família. Papéis desempenhados na família. Família real <i>versus</i> família idealizada. Assistir o filme como estudante de Psicologia. Processo de reflexão grupal. Formação em Psicologia.

Tabela 2 (Continuação)

Número do encontro, filme apresentado, composição familiar e contexto geral do filme e emergentes grupais

Encontro	Filme	Composição familiar e contexto geral do filme	Emergentes grupais
2	<i>Minhas mães e meu pai</i>	Duas mães (casal do mesmo sexo), um filho e uma filha (ambos adolescentes, concebidos por inseminação artificial). Quando a filha completa 18 anos ela decide, sem que as mães o saibam, procurar pelo pai biológico.	Família diferente. Papéis de gênero desempenhados na família. Tipos de família. Família composta por uma pessoa. Para ser família precisa de vínculo. Animal é membro da família. A família formada por casais do mesmo sexo e a sociedade. Família biológica e família construída ao longo dos anos.
3	<i>Juno</i>	Pai, madrasta e filha adolescente, que engravida de um amigo 16 anos. Ao descobrir a gravidez a filha decide que irá entregar o bebê para adoção, a um casal heterossexual.	Experiência de participação nos encontros. Gravidez na adolescência, sexo e aborto. Adoção. Relação conjugal. A chegada do bebê: formação da família. Sentimento e definição de família. Diferentes tipos de família abordados no filme. Conceito de família no Brasil. O processo de escolha do filme.
4	<i>Precisamos falar sobre o Kevin</i>	Pai, mãe, filho adolescente e filha criança. O filme relata a vida da mãe após o filho ter protagonizado uma tragédia e ter sido preso e após ter marido e filha mortos.	Relação mãe-filho. Culpados pela tragédia.
5	<i>Preciosa: Uma história de esperança</i>	Filha adolescente (protagonista) e sua mãe. Em alguns momentos o padrasto e os filhos da protagonista são representados. Enfoca-se violências familiares de diversos níveis, incluindo-se a sexual.	Relações familiares abusivas e violentas. O suporte de outras pessoas. O convívio familiar. Família e afetividade. Família depende do que as pessoas nomeiam como tal. Novas formas de ver/pensar família. Questionamentos sobre o que é família. Novas vivências, novos conceitos: mudança. Construir e desconstruir representações de família. Entrada na Psicologia.

Tabela 2 (Continuação)

Número do encontro, filme apresentado, composição familiar e contexto geral do filme e emergentes grupais

Encontro	Filme	Composição familiar e contexto geral do filme	Emergentes grupais
6	<i>Meu malvado favorito</i>	Três irmãs institucionalizadas (duas crianças e uma adolescente) e um processo de adoção vivido por um pai solteiro.	Pai solteiro. Adoção na família. Adoção no passado. Fantasias e burocracias no processo de adoção. Família criada por laços afetivos. Angústias do processo de adoção. A saída do ensino médio e a entrada na universidade. Adaptação à vida universitária.
7	<i>Her</i>	Homem adulto, solteiro e divorciado. Enfoca-se o processo de adaptação do protagonista à vida de solteiro e o papel das tecnologias nesse contexto.	Relacionamentos virtuais <i>versus</i> reais. Necessidade de relacionar-se com pessoas reais. O encontro entre pessoas e as interferências das mídias sociais. Discussão sobre aspectos envolvendo a escolha do filme.
8	<i>Que horas ela volta?</i>	Mulher adulta (protagonista), mãe de filha adolescente que reside em outro Estado. Em paralelo, a protagonista trabalha numa residência onde há uma família composta por pai, mãe e filho adolescente.	Para ser família precisa haver afetividade. Relações familiares podem definir família. Influências sociais na família. Relação mãe-filho. Tornar-se mãe. Desigualdade social. Trabalho. Relação patrão <i>versus</i> empregado.
9	<i>Minha mãe é uma peça</i>	Mulher adulta, divorciada do marido, vivendo com dois filhos jovens adultos, um homem e uma mulher.	O papel das mães. Transposição da mãe do filme para a mãe dos Participantes. O sair de casa para estudar. Aspectos que são transmitidos de pais para filhos (transmissão transgeracional). Avaliação da participação nos grupos.

Apesar de ter uma tarefa pré-definida, assuntos adicionais considerados pertinentes pelos Participantes foram manifestados em cada um dos encontros e debatidos nas respectivas ocasiões. Embora não fosse o enfoque trabalhar alguns destes elementos, o não direcionamento das

atividades para um único objetivo por nós, coordenadores, procurou seguir o que Pichon-Rivière chamou de regra de ouro na condução dos grupos operativos, que tem relação com respeitar os emergentes grupais, trabalhando com as informações que são atualizadas a cada momento (Bleger, 1979/2007).

Os temas discutidos não seguiam uma linearidade, faziam um movimento oscilatório, conforme os debates ocorriam, sugerindo semelhanças diante do que teoria sobre esta técnica exemplifica (por exemplo: no encontro 2, cujo enfoque era trabalhar família formada por casais do mesmo sexo, foram abordadas, também, famílias unipessoais). Esse movimento foi comum no transcorrer das atividades, pois a teoria de unidade de trabalho deste modelo de intervenção estabelece a existência de vetores que interferem na situação grupal (Pichon-Rivière, 1983/2009), promovendo um movimento dialético de construção e desconstrução de significados.

Nos grupos desenvolvidos foi observado um permanente movimento de estruturação, desestruturação e reestruturação de conteúdos que eram da tarefa (pensar e dialogar sobre famílias no processo de formação), bem como os que emergiam (emergentes grupais). Também foram vistos elementos típicos do processo grupal, como os descritos por Pereira (2013): o desejo de mudança, de entrar em contato com o novo, os medos, as ansiedades e as resistências. Nos encontros também estiveram em foco aspectos da dinâmica dos grupos operativos, tais como a pré-tarefa, a tarefa explícita e a implícita, os emergentes grupais (foco da análise) e o jogo de papéis entre os Participantes (Castanho, 2012; Pereira, 2013; Tubert-Oklander & Tubert, 2004).

Os relatos que serão apresentados foram considerados conforme o eixo horizontal, em detrimento do vertical. Esta medida foi tomada ao se considerar que os grupos operativos de aprendizagem consideram o grupo como uma unidade de análise, sendo diferente da simples soma dos integrantes, com atenção ao que ocorre *entre* os membros, e não *em cada um* (Castanho, 2012).

Nos encontros se buscou construir um esquema referencial que possibilitasse a atuação como equipe, com unidade e coerência, porém, sem igualar pensamentos, mas instigar que os integrantes do grupo pudessem aprender a trabalhar suas ideologias por meio do movimento grupal, semelhante ao descrito por Bleger (1979/2007). Assim no processo grupal, a atividade de aprender consiste, em sua acepção ótima e fundamental, na permanente revisão dos esquemas referenciais que cada pessoa traz consigo, a partir das situações vividas tanto no domínio grupal quanto fora dele (Santeiro et al., 2014).

Famílias e suas configurações

Entre as configurações familiares enfocadas nos filmes estavam a extensa/ampliada, a formada por casais do mesmo sexo, a adotiva, a nuclear, a unipessoal e a recomposta. Estas possibilidades de organização familiar têm sido objeto de estudo e descritas pela literatura científica em Psicologia, sendo enfatizadas as transformações ocorridas na dinâmica relacional estabelecida e nas formas de socialização nesta instituição, fazendo com que assumam, eventualmente, novos desenhos (Cúnico & Arpini, 2014; Féres-Carneiro et al., 2017; Gomes & Neves, 2016; Rodriguez, Gomes, & Oliveira, 2017). Contudo, naturalmente não se procurou esgotar as possibilidades ao longo dos encontros.

Nos encontros foi possível verificar que os universitários conheciam a maioria das configurações familiares apresentadas e debatiam como, de forma direta ou indireta, estas transpõem suas vivências e quais eram seus sentimentos e pensamentos sobre elas. Eles também manifestaram conhecer mudanças que vêm ocorrendo nessa esfera, quando, por exemplo, no terceiro grupo analisaram diferentes composições familiares apresentadas num único filme e falaram da mudança no conceito de família.

“...Mas falando de família, de diferentes famílias. No filme mostra diferentes famílias, mesmo. Primeiro, a da Juno. Mesmo, que é o pai e a madrasta, e a mãe que aparece no

começo do filme, e depois nem cita mais a mãe dela. Acho que a mãe dela nem deve saber que ela teve um filho. Depois, a do namoradinho dela lá, nem sei o nome dele. É..., todas as vezes que mostra a casa dele, mostra só a mãe dele, né? Nunca mostra o pai dele. Então, sei lá, eu entendi que é só ele e a mãe dele. E, também essa família... é dos pais adotivos que era só os dois. E era por fora a família perfeita, que na verdade, não era tão perfeita. E depois só a família da mãe e da criança, que é pra ter uma ideia de que família não é só, sabe, não é só aquilo ali, mãe, pai, filho e cachorrinho.” [Grupo 3].

“...Mudou o conceito de família no dicionário. É, então, já dá pra ver que está começando a ter algumas mudanças, mesmo que seja só no significado de família em um dicionário, mas já é uma grande mudança [...] Que família é, mais ou menos, quando pessoas se juntam por afinidade. Como se fosse isso, uma coisa assim, né? Porque antes falava que é quando tem um pai, uma mãe e tem os filhos. E agora já, quando tem afinidade entre as pessoas que estão vivendo naquele lugar, naquele meio social... Antes era: grupo de pessoas vivendo sob mesmo teto, especialmente o pai e a mãe e os filhos. E agora é: grupo social de pessoas unidas por laços afetivos que geralmente compartilham o mesmo espaço, e têm entre si uma relação solidária.” [Grupo 3].

No desenvolvimento dos grupos, os estudantes também demonstraram ter maior conhecimento sobre alguns determinados tipos de família em detrimento de outros, como, por exemplo, aqueles formados por casais do mesmo sexo. Nesta situação eles narravam o tipo de relação estabelecida, as dificuldades de aceitação dessas relações, o preconceito sofrido, como pode ser ilustrado por meio das seguintes narrativas:

“...A gente percebe que a família ali não é a que a maioria tá acostumada, imagino. Pelo menos a minha família, o meu pai, homem e mulher, mãe, e ali são duas mulheres e mostra... mas também, não mostra como se fosse muito diferente da, na visão deles.”
[Grupo 2].

“...Quando eu vejo filme assim, pra mim é normal. Mas assim, eu acho que a gente não pode generalizar. Porque a gente está num grupo de gente que tem uma cabeça mais aberta, né? Gente mais jovem. Não é todo mundo que concorda, óbvio. Mas, assim, eu acho que [se] a gente estiver num lugar mais aberto, público, nem sempre a gente vai achar... - Nossa que lindo! Sei lá... pra mim é normal, nada contra e tal. Mas eu não acho que é generalizado.” [Grupo 2].

“...Eu acho normal, mesmo que eu não tenha nenhum caso na minha família ou alguém assim que seja tão próximo, eu conheço casais homossexuais, que são próximos da minha família. Mas eu acho que sei lá... Hoje em dia, tá uma coisa muito assim, claro que essas pessoas, ainda não concordam, mas tão aceitando mais. Então, não é uma coisa estranha um casal homossexual... igual no filme, não é... incomum.” [Grupo 2].

“...Meu pai, quando eu era pequena me parou na rua ao ver um casal homossexual na rua: -Olha, que lixo! Não sei o quê. Eu ficava pensando: -Por que que outros casais podiam beijar na rua, e aquele casal não podia? Meu pai tentava me explicar na visão dele, mas pra mim, mesmo tendo essa criação é absolutamente normal.” [Grupo 2].

“...Agora que eu tava, lembrei de uma coisa. Quando eu era criança, isso nunca foi, tipo, homossexual, homossexualidade, nunca foi uma pauta lá em casa, porque não ligava muito.

Agora, eu tava pensando, depois que eu já tava com a minha opinião formada, já tinha visto isso fora de casa, no caso, na escola, depois que eu já tinha a minha opinião formada, isso virou pauta em casa. Mas, não porque eu tenha falado. Porque começou a aparecer na televisão, essas coisas.” [Grupo 2].

Os discursos dos estudantes evidenciaram aspectos observados no cotidiano em relação às experiências e representações sobre famílias compostas por casais do mesmo sexo. Estas configurações têm ganhado maior visibilidade nos últimos anos, sendo que pessoas têm experimentado e construído novas formas de ser e de se relacionar, além da vivência de novos papéis e funções dentro do grupo familiar (Féres-Carneiro et al., 2017; Rodriguez, Gomes, & Oliveira, 2017; Rodriguez, Merli, & Gomes, 2015).

Apesar do exposto, são constantes relatos de casos nos quais pessoas que vivem a homoparentalidade sofrem preconceito ou a não aceitação de sua condição familiar, tanto pela sociedade quanto por meio de entraves legais. Ainda que venham ganhando mais destaque sociocultural, não são todos os meios e todas as pessoas que aceitam estas novas configurações familiares. Essa informação é corroborada por Cecílio, Scorsolini-Comin e Santos (2013) quando descrevem, por exemplo, dificuldades legais para o reconhecimento dessas famílias, discriminação e o preconceito que repercutem no modo como elas têm se estruturado e se reconhecido.

Em contrapartida, os Participantes manifestaram menor familiaridade em relação à família unipessoal (por exemplo) e nos debates respectivos, quando essa configuração se presenciou, houve discordâncias em relação ao quanto ela poderia ser considerada família ou não.

*“... Eu acho que talvez você possa montar [uma família], não sei, acho que sozinho.”
[Grupo 2].*

“... Pra mim é possível.” [Grupo 2].

“... Acho que na concepção de família, sei lá... Então, pra ser a sua própria família, “Eu sou a família”, não acho que essa é uma concepção de família. Eu sozinha sou uma família. Eu acho que, pra mim, é outro termo, não família. Eu me amar, ser autossuficiente, mas não ser a minha própria família. Sempre precisa de alguém pra ser família.” [Grupo 2].

“... É, porque eu acho que mesmo que você tenha que conviver com uma coisa, assim, só na fala, né? Eu não acho que seja possível, acho que tem que ser completa, também. Às vezes, você não quer só uma palavra, só uma palavra não ajuda, sabe? Ah, tá tudo bem... mas, precisa de um abraço, de um toque. Você sabe que é acolhedor, por isso que eu acho que não seria possível... ficar nesses relacionamentos assim. Concepção de família mesmo.” [Grupo 7].

“... Talvez, nem uma outra pessoa, por exemplo, posso ter um cachorro e eu considerar ele como minha família, porque quando eu voltar pra casa ele vai tá ali e me receber e eu vou tá cuidando dele. E ele vai tá cuidando de mim, de certa forma. Mas igual eles falaram, eu acho que não tem como você ser uma família só você.” [Grupo 2].

Em relação às famílias unipessoais, no senso de 2010 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstrou que estas representam aproximadamente 12,1% da população (IBGE, 2010). Isso pode ser tido como indicador de que esta configuração tem ganhado espaço e pode ser influenciada pelas novas formas de vida que têm sido estabelecidas na contemporaneidade, sendo necessária de ser igualmente explorada, em paralelo a outras possibilidades familiares, em âmbitos de formação de psicólogos e demais profissionais que lidam

com setores da instituição familiar. Além disso, esse tipo de família necessita ser ponderado, uma vez que a família extensa (avós, pais, filhos, tios, sobrinhos e demais parentes e agregados) têm se transformado em núcleos cada vez menores, compostos por pais e filhos e daí para lares de mãe e filhos ou para o casal sem filhos, até o evidente número de configurações que se adequariam a esta descrição de família unipessoal (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004).

Cabe enfatizar que no total dos encontros foi possível perceber a amplitude de situações que podem definir uma família, perpassando situações em que ela se constitui pela via consanguínea, por adoção, por casamento, por recasamento, por autonegação, por vínculo afetivo, entre outras. Ela pode, ainda, ser constituída unipessoalmente, por muitas pessoas e/ou por pessoas e animais de estimação (este último aspecto levantado espontaneamente pelos Participantes).

Os Participantes também abordaram outros modelos familiares. Entre estes, dialogaram sobre famílias adotivas, aspectos que a permeiam e interferem no processo de adoção e vivências com esta forma de parentalidade.

“... A única coisa que eu penso é a dificuldade em adotar, sabe? Eu imagino que as pessoas devam ter mais dificuldades em adotar, porque sei lá, é muita exigência. Eu não sei como que funciona, mas eu imagino que deva ser difícil pra pessoa conseguir.” [Grupo 6].

“... Eu lembrei que tem na minha família, mas é que eu lembrava que ela é adotada; porque pra mim ela é tipo família mesmo. Mas meu tio, é, ele não é meu tio de sangue, mas a gente considera também da família.” [Grupo 6].

Em relação à família ampliada, os participantes discorreram sobre elas evidenciando suas vivências familiares, demonstrando suas relações para além do núcleo primário:

“... Eu tenho pai e mãe, e sempre morei com eles, mas como os dois trabalhavam quem ficava lá em casa era a minha avó... Eu morei com a minha, morando na mesma casa, meu pai, minha avó, meu irmão e eu tenho três tias avós que são minhas avós, que eu considero como se fosse avós, então, as três vão lá na minha casa todos os dias.” [Grupo 9].

“... Eu tenho mãe, mas eu não morei com a minha mãe a vida toda. Mas, não é porque eu não dou certo com a minha mãe, é porque... como, aí, como eu não, meu pai não me assumiu, quando eu era menor, minha mãe casou com o meu padrasto e eu fui morar com ela... só que eu gostava mais de morar com a minha avó.” [Grupo 9].

Em relação às famílias recompostas, também as descreveram a partir de suas experiências, explorando como suas famílias vivem esta organização de papéis:

“... Eu acho assim, lembra muito da minha família, e eu acho engraçado. Porque esse negócio do pai e da madrasta, assim, bem esse estereótipo, mesmo, do pai só pegar os filhos pra passeio e achar que tá tudo bem. E desse estereótipo de madrasta, também [se referindo a madrasta que não quer saber de convivência com os filhos do casamento anterior do marido].” [Grupo 9].

“... Eu acho que deu muito para associar com a família da gente, por causa dessas coisas, né? É... o meu pai, é, eles são separados, e meu pai me pegava de vez em quando pra passear no domingo, e junto com a minha madrasta que é um horror de pessoa... e deu pra associar muito.” [Grupo 9].

As descrições realizadas estiveram em consonância com algumas das configurações de família existentes, manifestadas na literatura científica. As narrativas do grupo expressaram a pluralidade de formações familiares evidenciadas na sociedade e que também perpassam suas vivências. Sabe-se que apesar de resistências encontradas em diversas esferas socioculturais, a instituição familiar tem se reconfigurado de formas múltiplas, sendo cada vez maior o número de configurações familiares recompostas, monoparentais, adotivas, homossexuais e homoparentais (Martinez & Barbieri, 2011).

Diálogos grupais evidenciaram que estas diferentes formações familiares estão presentes no cotidiano dos estudantes, mantendo proximidade entre o conteúdo do filme e as experiências vividas em suas próprias famílias. Em determinado momento, em conversas após os gravadores serem desligados, alguns estudantes chegaram a expressar o desconforto que sentiam por suas famílias não se encaixarem no modelo de família que geralmente é preconizado socialmente (família nuclear) e como os filmes e a experiência grupal, com seus colegas, possibilitaram perceber que outras pessoas também viviam em formações familiares diferenciadas. Alguns aspectos dos filmes apresentados ressoavam, assim, nas vivências dos participantes, de modo semelhante ao observado quando de experiência na condução de processo grupal ocorrido em outra IFES (Santeiro et al., 2014).

Assim, pelas famílias apresentadas e pelas vivências descritas pelos participantes foi possível perceber que o estereótipo de família, que predomina no imaginário social, composto por pai, mãe e filhos, segundo Rodriguez, Gomes e Oliveira (2017), embora tenha subsistido ao longo do tempo, tem passado por mudanças de grande importância nas últimas décadas, assinalando a passagem da família tradicional-patriarcal à plural-contemporânea. É importante considerar que, em termos de ser família, o novo e o velho coexistem temporalmente, gerando dificuldades em se abstrair um sentido único que defina esta instituição (Rodriguez & Gomes, 2012), daí ser

compreensível que os diálogos co-construídos por meio dos processos de grupo espelhem diversidade de vozes sobre o que poderia, ou não, caracterizar famílias.

Resultados dessa natureza remetem a pensar a família como em constante transformação, permeada e envolta em contextos históricos, políticos, socioculturais, econômicos, regionais que dão a ela roupagens diferenciadas, dependendo, sobretudo, da temporalidade, uma vez que o que podemos considerar por família, hoje, pode sofrer transformações para gerações futuras. Deste modo, análogo ao apresentado por Roudinesco (2003), a família deve ser analisada tendo em vista os múltiplos referenciais que a influenciaram no passado, mas também considerando que aspectos surgidos com a evolução da sociedade e dos meios por ela produzidos incidirão diretamente sobre as formas de ser desta instituição.

Grupos e formação em Psicologia

Os estudantes também manifestaram como foi a experiência vivenciada no grupo, ao longo do processo. Eles descreveram como foi assistir e debater os filmes, o encontro com os outros participantes, o pensar aspectos da família, os questionamentos que emergiam, as incertezas, a entrada na universidade. Nestas exposições angústias, dificuldades em relação às vivências universitárias, além de aspectos pessoais também foram observadas, como apresentado a seguir:

“...É muito interessante que a gente pode se reunir e discutir mesmo. Às vezes, algumas coisas que a gente não, não vai falar normalmente com alguém. Principalmente, acho que esse processo de você externar e falar, acho que é melhor pra compreensão ou você parar pra pensar numa coisa. Às vezes, de ouvir as ideias de todo mundo. E compreender também.” [Encontro 3].

“...Desde os primeiros encontros que a gente teve, é... a gente tava falando que família não precisa ser indivíduos ligados geneticamente [...] Mas, aí, família precisa ter, pra definir

família, a gente precisa ter uma ambiente de afeto positivo ou não? Então, porque a gente... famílias, vamos falar dos membros, a família tradicional, né? Tem parentes, que é um ambiente saudável, e outros não. E tem famílias que são... ai sei lá, uma mulher e um cachorro, por exemplo, que às vezes pode ser um ambiente bom ou não. Ela pode maltratar o cachorro, e ela pode amar ele como se ele fosse um filho. Essa questão que eu ainda não sei definir, mas eu acho, eu fico num embate interno, que eu não sei se precisa definir. Porque eu fico vendo em palestra e na aula, aqui no grupo, então, acabo perdida e ao mesmo tempo que cada dia me esclarece uma coisa nova, sabe? É mais informação e eu não sei como organizar, é muita coisa.” [Encontro 5].

“...Eu acho que foi muito enriquecedor, porque permitiu que pelo menos eu visse um fato sobre outras visões, né? A gente escuta as pessoas, a gente debate opiniões diferentes, a gente teve acesso, não sei, questões as vezes do cotidiano mesmo, que a gente não tinha parado pra pensar, as vezes, essa relação de família, acontecimentos dentro de casa. Ou até mesmo, outras questões. E, eu acho, que tanto, como contribuiu pra você, pra sua pesquisa, pra mim como pessoa foi muito enriquecedor.” [Encontro 9].

“...E além de ter acrescentado isso tudo, foi um espaço pra gente falar algumas coisas que a gente não tem espaço. Inclusive, é um momento que a gente acabou de chegar aqui, a maioria deixou a família e tal. E abrir esse espaço pra gente poder falar, um pouco disso. Então, além disso que elas [colegas do grupo] falaram, e de ajudar na sua pesquisa, acabou ajudando a gente, pessoalmente, nesse sentido.” [Encontro 9].

“...Ajudou a gente a se conhecer, a conhecer o jeitinho de cada um... e... as situações que a vocês já passaram, as minhas, é igual a minha ou não. Já teve vez que alguém falou alguma coisa que eu pensei: “-Nossa... como deve ter sido viver isso?” Também, com a ajuda dos filmes, que alguns eu não tinha visto, e eu achei muito bacana, sabe? É... pensar a família dentro daquele filme.” [Encontro 9].

“...Pra mim, esse grupo serviu como uma forma de colocar em palavras muita coisa que eu pensava. Porque, as minhas concepções de família, elas num mudaram muito desde que eu entrei aqui. Mas, elas se aprofundaram, e passaram elas pra palavras, entendeu? E eu peguei muito das coisas que foram faladas a ideia que eu já tinha. E através disso algo que foi suscitado, tipo, de exatamente, qualquer palavra o que eu pensava e sentia.” [Encontro 9].

Estes aspectos evidenciaram que o contato com atividades acadêmicas, somados às participações grupais, podem ter provocado mudanças nas formas de pensar família, ou ampliar conhecimentos existentes sobre elas, contribuindo para com o processo de formação universitária. Em termos das vivências grupais expressadas, podem ser observados aspectos como o desenvolvimento de novos olhares sobre um fenômeno, a importância do encontro grupal e do contato com os demais membros para o debate, a construção e desconstrução a partir das vivências com outras pessoas (movimento dialético), o desenvolvimento da escuta, a possibilidade de discutir família, contribuições para a pesquisa e para o crescimento pessoal dos Participantes, possibilidade de falarem de suas famílias, um espaço para se conhecerem, assistir e debater em conjunto, a possibilidade de colocar em palavras o que pensavam e o aprofundamento do conhecimento. Além disso, os elementos narrados pelos participantes remetem a pensar características próprias da

dinâmica dos grupos operativos como o movimento dialético nas falas, o aprendizado, o questionamento de referenciais trazidos, incertezas, a interlocução entre pensamento e prática.

A atividades que os estudantes descreveram, de parar para pensar sobre um fenômeno junto com outras pessoas, torna-se um diferencial dos grupos propostos, uma vez que as atividades acadêmicas (como as de sala de aula, por exemplo), nem sempre são dialógicas. Esse movimento de pensar, ao ser considerado pela perspectiva dos grupos operativos, converte-se em algo enriquecedor para a formação, haja vista que, por meio da participação, podem aprender a técnica. Pensar é o eixo da aprendizagem e um aprendizado bem-sucedido é aquele em que se elimina a dissociação entre teoria e prática, pois a tarefa se enriquece com o pensamento e o pensamento é enriquecido com aquilo que se faz (Bleger, 1979/2007).

O conteúdo dos filmes, associado à dinâmica de pensar/dialogar sobre famílias, em uma atividade reflexiva, destacam outro aspecto dos grupos operativos, que é o aprender a agir, pensar e fantasiar. Segundo Bleger (1979/2007), uma das maiores virtudes do grupo operativo é a possibilidade que oferece de aprender a agir, pensar e fantasiar com liberdade, a reconhecer o nexo estreito e a sutil passagem entre imaginar fantasiar e propor hipóteses científicas. Nesse movimento pode-se fazer uma alusão à proposta desenvolvida com os estudantes, pois o uso do cinema permite abarcar aspectos do mundo da “ficção” e transpô-los para o mundo “real”, posto que os filmes focalizam fenômenos vivenciados pelas pessoas, ainda que isso ocorra em extensões e graus variados. O movimento de pensar o filme conjuntamente promoveu reflexões sobre as temáticas família e formação.

As inquietações advindas com os processos grupais e manifestadas nas falas poderiam ser vistas como positivas, pois sinalizam um rompimento com esquemas referenciais que os estudantes trazem de suas experiências, conhecimentos acumulados e com os quais pensam e atuam. Bleger (1979/2007) destaca que a participação livre, espontânea, faz com que os participantes tragam estes

esquemas referenciais e os coloquem à prova, tomando consciência deles, semelhante ao movimento expresso pelos Participantes.

Incertezas surgidas durante os processos grupais também podem ser vistas, partindo da premissa de que o processo grupal faz com que o cotidiano e o comum se tornem estranhos convertendo-se em objeto de indagação e aprendizagem (Bleger, 1979/2007). Ou seja, o conhecimento que os estudantes apresentavam sobre família pode ter sido colocado em confronto com as diferentes manifestações familiares encenadas nos filmes. Esse movimento proporcionou, assim, criar novas concepções sobre família, aprimorar as existentes e auxiliá-los a verbalizarem o permanência isolado, no campo do pensamento individual.

As inquietações do processo grupal sobre o que seria família vão ao encontro do que Bleger (1979/2007) descreve sobre o processo de aprendizagem dos grupos operativos. Segundo o autor, aprender não seria nada menos que desenvolver o exercício de aprender a indagar, pois as informações recebidas são sempre maiores do que aquilo que é possível verbalizar, sempre se aprende mais do que se pensa, do que se pode manifestar pela fala. Pode-se considerar, assim, que os questionamentos em relação aos aspectos voltados à família, constituem-se como um importante marco da relevância que os grupos relatados assumiram. A partir do momento que os conteúdos debatidos geraram inquietações nos estudantes, presume-se que estes podem fazer movimentos para buscar novos conhecimentos ou novas atividades que possam lhes sanar dúvidas ou gerar ainda mais estranhamentos frente ao conteúdo em debate.

Neste sentido, os diálogos grupais expressaram a importância da criação de espaços como os relatados, uma vez que a participação nestas atividades permite aprender pelo diálogo, pela troca de conhecimentos entre as pessoas, num encontro entre teoria e prática. Esse movimento é essencial, pois, como afirma Bleger (1979/2007), a práxis enriquece a tarefa e o ser humano, sendo necessário romper modelos que separem a teoria-prática. Além disso, a experiência dos estudantes

em integrar estes processos grupais pode facilitar atuações mais empáticas e significativas no campo profissional futuro, quando em comparação a aulas unicamente teóricas (Silveira & Ribeiro, 2015).

Estas ações também podem, por exemplo, ser significativas para os estudantes na ampliação de conhecimentos sobre assuntos em voga, o desenvolvimento da noção de como se organiza e ocorre um processo grupal, o desenvolvimento da capacidade de escuta, reflexão e argumentação, como trabalhar em equipe, no aprimoramento de conhecimentos sobre fenômenos de ordem psicológica e sociocultural, entre outros aspectos que perpassam a atuação profissional; sendo muitas destas competências estipuladas nas DCN (Brasil, 2011). Assim, torna-se pertinente a necessidade de a formação de psicólogos contemplar a inserção estudantil em espaços que fomentem a capacidade crítica e reflexiva sobre instituições e contextos sociais que interferem nos aspectos individuais e coletivos e que estão atrelados à realidade nacional, como é o caso das famílias.

Considerações Finais

Os debates realizados em torno das diferentes configurações de família são importantes de serem pensados, refletidos e discutidos na formação em Psicologia devido ao papel que esta instituição assume no desenvolvimento das pessoas e as influências que ela exerce no contexto sociocultural. Sabe-se que estas discussões não se findam, uma vez que dimensões históricas, econômicas, culturais, políticas se alternam e produzem novos sentidos e possibilidades de ser família, conforme o fator temporal seja ponderado.

Os grupos operativos de aprendizagem, somados com o recurso dos filmes, constituíram-se como estratégia possível para tratamento de temáticas como a apresentada neste trabalho. A possibilidade de focar um aspecto e ao mesmo de tempo considerar emergentes surgidos na

dinâmica grupal possibilitou aos universitários debaterem e refletirem sobre temáticas diversificadas que podem ter contribuído para suas formações.

Como é próprio dos grupos operativos, todos os emergentes foram considerados no momento da execução das atividades porque eles pareciam denotar tanto o engajamento grupal diante da tarefa proposta, quanto pareciam significar movimentos grupais de fuga e resistência frente ao novo. Os resultados encontrados demonstraram que os grupos podem ter contribuído para construção de diálogos acerca de aspectos que envolvem a família e suas configurações, a importância dos grupos no debate desta temática, além de outros fatores que não foram possíveis de serem abarcados neste relato, pelo limite espacial.

É importante salientar que os grupos relatados não foram os únicos agentes que estiveram presentes na construção e desconstrução das representações de família. Enfatiza-se que a própria entrada no Curso de Psicologia se torna um convite a reflexões que podem, por si só, gerar reposicionamentos nesse campo. O desenvolvimento destas atividades, ao ser somado às de ensino, pesquisa e extensão podem contribuir para a formação de profissionais atentos às necessidades emergentes da população.

As experiências grupais relatadas se assemelharam em alguns aspectos com outras que utilizaram do modelo de grupos operativos, como as de Silveira e Ribeiro (2015), Santeiro et al. (2014) e Almeida, Melo-Silva e Santos (2017). Apesar de eventuais semelhanças, o emprego de filmes, aliado a grupos operativos de aprendizagem não tem sido evidenciado. Igualmente, não se observou relatos de experiências ou pesquisas que elegeram a temática família em convergência com processos de formação de psicólogos e processos grupais.

Entre as limitações encontradas estão, em complemento, portanto, a inexistência de literatura científica que elenque grupos operativos, uso de filmes e formação em Psicologia, o que limita o campo de diálogo com a comunidade acadêmica estudiosa de grupos e de processos de

formação de psicólogos. Nesse sentido, essa ausência de literatura impede comparativos que permitam observar resultados oriundos de outras realidades ou que demonstrem a exequibilidade do modelo de trabalho proposto em outros contextos que não o universitário. Assim, espera-se que este estudo possa instigar outros pesquisadores a explorarem esse modelo de atividade, ampliando o rol de estudos com enfoque semelhante ao apresentado.

Referências

- Almeida, F. H., Melo-Silva, L. L., & Santos, M. A. (2017). Grupo operativo com pais de jovens em processo de escolha da carreira. *Revista da SPAGESP*, 18(1), 80-100.
- Antunes, M. A. M. (2012). A psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 32(spe), 44-65.
- Baima, L. S., & Guzzo, R. S. L. (2015). Formação em psicologia e prática comunitária: problematização da psicologia social comunitária no Brasil. *Revista Psicologia Política*, 15(32), 33-47.
- Bleger, J. (2007). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. (3ª ed.). (R. M. M., Moraes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979)
- Brasil. (2011). *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia: Resolução n. 5, de 15 de março de 2011*. Brasília: Conselho Nacional de Educação / Câmara de Ensino Superior.
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Penso.
- Castanho, P. (2012). Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. *Vínculo*, 9(1), 47-60.
- Cecílio, M. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 507-516.

- Cholodenko, L. (Diretora) (2010). *Minhas mães e meu pai* (Filme). Estados Unidos: Imagem Filmes. Cor. 104 min. Dublado. (Título original: *The Kids Are All Right*)
- Cruz, R. M. (2016). Competências científicas e profissionais e exercício profissional do psicólogo. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 36(2), 251-254.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2014). Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família. *Aletheia*, (43-44), 37-49.
- Cury, B. M., & Ferreira Neto, J. L. (2014). Do currículo mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo. *Psicologia em Revista*, 20(3), 494-512.
- Daniels, L. (Diretor) (2009). *Preciosa: Uma história de esperança* (Filme). Estados Unidos: PlayArte Pictures. Cor. 109 min. Dublado (Título original: *Precious: Based on the Novel 'Push' by Sapphire*)
- Dayton, J., & Faris, V. (Diretores) (2006). *Pequena Miss Sunshine* (Filme). Estados Unidos: Fox Films. Cor. 100 min. Dublado (Título original: *Little Miss Sunshine*)
- Féres-Carneiro, T., Machado, R. N., Mello, R., & Magalhães, A. S. (2017). Práticas de nomeação nas relações familiares contemporâneas. *Revista da SPAGESP*, 18(1), 4-19.
- Gomes, L. R. S., & Neves, A. S. (2016). A clínica de família: interrogações sobre o traumático, a dinâmica vincular e a violência como organizadores do grupo familiar. *Estilos da Clínica*, 21(1), 152-169.
- IBGE (2010). *Vamos conhecer o Brasil. Famílias*. Brasília: Autor. Recuperado de <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/familias-e-domicilios.html>
- Japur, M. (1994). Formação em psicologia: a perspectiva da carta de Serra Negra. *Paidéia* (7), 42-55.
- Jonze, S. (Diretor) (2013). *Her* (Filme). Estados Unidos: Sony Pictures. Cor. 126 min. Dublado (Título Original: *Her*)

- Lisboa, A. V., & Féres-Carneiro, T. (2015). Acontecimentos significativos na história geracional e sua relação com somatizações na família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 65-72.
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 29(4), 718-737.
- Luckey, B. (Diretor) (2003). *Pular* (Curta-metragem). Estados Unidos: Disney/Pixar. Cor. 4,40 min. Dublado (Título original: *Boudin'*).
- Martinez, A. L. M., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 175-185.
- Muylaert, A. (Diretora) (2015). *Que horas ela volta?* (Filme). Brasil: Pandora Filmes. Cor. 110 min.
- Negreiros, T. C. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 34-47.
- Pellenz, A. (Diretor) (2013). *Minha mãe é uma peça* (Filme). Brasil: Downtown Filmes. Cor. 85 min.
- Pereira, T. T. S. O. (2013). Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção. *Revista da SPAGESP*, 14(1), 21-29.
- Pichon-Rivière, E. (2009). *O processo grupal* (8ª ed.). (M. S. Gonçalves, & M. A. F. Velloso, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1983)
- Ramsay, L. (Diretora) (2012). *Precisamos falar sobre o Kevin* (Filme). Estado Unidos e Reino Unido: Paris Filmes. Cor. 110 min. Dublado (Título original: *We Need to Talk About Kevin*)
- Reitman, J. (Diretor) (2008). *Juno* (Filme). Estados Unidos: Paris Filmes. Cor. 91 min. Dublado. (Título original: *Juno*)
- Renaud, C. & Coffin, P. (Diretores) (2010). *Meu malvado favorito* (Filme). Estados Unidos: Universal Pictures. Cor. 95 min. Dublado (Título original: *Despicable Me*)

- Rodriguez, B. C., & Gomes, I. C. (2012). Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 29-36.
- Rodriguez, B. C., Gomes, I. C., & Oliveira, D. P. (2017). Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(1), 135-150.
- Rodriguez, B. C., Merli, L. F., Gomes, I. C. (2015). Um estudo sobre a representação parental de casais homoafetivos masculinos. *Temas em Psicologia*, 23(3), 751-762.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. (1ª ed.). (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Santeiro, T. V., Santeiro, F. R. M., Souza, A. M. O., Juiz, A. P. M., & Rossato, L. (2014). Processo grupal mediado por filmes: espaço e tempo para pensar a Psicologia. *Revista da SPAGESP*, 15(1), 95-111.
- Scarcelli, I. R., & Junqueira, V. (2011). O SUS como desafio para a formação em psicologia. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 31(2), 340-357.
- Silveira, C. A. B., & Ribeiro, E. F. (2015). Grupos operativos e a formação de psicólogos: Relato de experiência na graduação. In T. V. Santeiro & G. M. A. Rocha (Orgs.) *Clínica de orientação psicanalítica: Compromissos, sonhos e inspirações no processo de formação* (pp.81-95). São Paulo: Vetor.
- Tubert-Oklander, J., & Tubert, R. H. (2004). *Operative groups: the latin-american approach to group analysis*. London: Jessica Kingsley Publishers.

Considerações Finais da Dissertação

Os estudos desenvolvidos possibilitaram compreender representações de família para estudantes calouros de Psicologia, antes e depois de processos grupais mediados por filmes. Os dados encontrados sinalizaram mudanças ligadas principalmente à compreensão de como esta instituição pode se estabelecer e no entendimento das funções que assume no desenvolvimento das pessoas. O método adotado possibilitou evidenciar que a criação de espaços de discussão e reflexão sobre família e outros assuntos de interesse da formação são importantes de serem fomentados pelas instituições de ensino superior, abrangendo aspectos como os princípios e compromissos estipulados nas DCN.

No Estudo 1 os resultados encontrados demonstram ter havido a ampliação do conhecimento, somados a representações já existentes sobre o que poderia ser definido, o que se constitui e as formas de relações estabelecidas dentro do ambiente familiar. Em termos de limitação, embora o objetivo da entrevista fosse permitir aos estudantes falarem livremente sobre os aspectos relacionados à família, as representações poderiam ter sido melhor exploradas com um instrumento que possibilitasse abordar representações sobre diferentes configurações de família existentes.

Um aspecto evidenciado neste estudo e que merece ser explorado em outras pesquisas diz respeito ao fato de que em alguns momentos era possível perceber contraposições entre um modelo familiar idealizado e às famílias dos participantes. Foi possível perceber também que, antes dos grupos, os estudantes discorriam sobre família se referindo às relações estabelecidas nela e não a estrutura que assume. Assim, o desenvolvimento de outras pesquisas, poderiam explorar de modo mais amplo como eles compreendem as dinâmicas relacionais existentes nesta instituição.

O Estudo 2, por sua vez, contribuiu para além do levantamento das representações sobre diferentes configurações familiares, para um espaço de apresentação, debate e ampliação do

conceito de família com os estudantes atrelados a aspectos da formação em Psicologia que eles consideraram pertinentes debater. Os resultados dos encontros não se limitaram aos objetivos da pesquisa, pois os emergentes grupais evidenciaram uma multiplicidade de outras temáticas abordadas, em cada um dos encontros. Outro aspecto evidente foi o fato de que os debates realizados estavam atrelados a vivências pessoais, de sala de aula e de outros eventos extracurriculares que eles frequentavam, demonstrando a importância da articulação dos diferentes meios que perpassam a formação em Psicologia.

Este estudo também apresentou limitações referentes a apresentação dos resultados e discussões, devido a amplitude da temática. Não foi possível apresentar nos resultados todos os aspectos levantados nos encontros, nem discorrer sobre os elementos grupais que perpassavam a dinâmica de funcionamento das atividades. Embora o objetivo da atividade tenha sido atingido, será necessário a organização de outros estudos que deem conta de trabalhar com os dados obtidos nos nove encontros realizados.

As atividades realizadas constituíram-se como uma ação pouco explorada no campo da formação em Psicologia, não sendo encontradas outras propostas com os mesmos objetivos ou técnica semelhante, em levantamento inicial sobre a temática e método em questão. Embora o autor da dissertação já tivesse participado da condução de grupos com esse formato e com calouros, esta foi a primeira vez em que uma única temática foi adotada.

Para além dos aspectos relacionados à pesquisa, discussão e reflexão de temáticas importantes, esse modelo de atividade também pode ser relevante para o acolhimento dos estudantes em momento inicial da formação. Atividades como a proposta pode se constituir como um espaço de acolhimento de demandas, resolução de angústias e suporte social para pessoas que muitas vezes deixam suas casas em busca de formação profissional.

Referências da Dissertação

- Almeida, F. H., Melo-Silva, L. L., & Santos, M. A. (2017). Grupo operativo com pais de jovens em processo de escolha da carreira. *Revista da SPAGESP*, 18(1), 80-100.
- Antunes, M. A. M. (2012). A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 32(spe), 44-65.
- Ariès, P. (2006). *História social da criança e da família*. (D. Flashman, Trad.). (2ª ed). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1973)
- Baima, L. S., & Guzzo, R. S. L. (2015). Formação em psicologia e prática comunitária: problematização da psicologia social comunitária no Brasil. *Revista Psicologia Política*, 15(32), 33-47.
- Baptista, M. N., & Teodoro, M. L. M. (Orgs.) (2012). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. Porto Alegre: Artmed.
- Bastos, A. V. B., & Gondim, S. M. G. (2010) (Orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.
- Bleger, J. (2007). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. (3ª ed.). (R. M. M., Moraes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979)
- Brasil. (1962). *Lei 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: Autor.
- Brasil (2011). *Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Psicologia: Resolução n. 5, de 15 de março de 2011*. Brasília: Conselho Nacional de Educação / Câmara de Ensino Superior.
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Penso.

- Capitão, C. G., & Romaro, R. A. (2012) Concepção psicanalítica da família. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 27-37). Porto Alegre: Artmed.
- Cardoso, C. L., & Féres-Carneiro, T. (2008). Sobre a família: com a palavra, a comunidade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 8(2), 523-539.
- Castanho, P. (2012). Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. *Vínculo*, 9(1), 47-60.
- Cecílio, M. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 507-516.
- Cholodenko, L. (Diretora) (2010). *Minhas mães e meu pai* (Filme). Estados Unidos: Imagem Filmes. Cor. 104 min. Dublado. (Título original: *The Kids Are All Right*)
- Covelo, B. S. R., & Badaró-Moreira, M. I. (2015). Laços entre família e serviços de saúde mental: a participação dos familiares no cuidado do sofrimento psíquico. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, 19(55), 1133-1144.
- Cruz, R. M. (2016). Competências científicas e profissionais e exercício profissional do psicólogo. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 36(2), 251-254.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando Famílias*, 17(1), 28-40.
- Cury, B. M., & Ferreira Neto, J. L. (2014). Do currículo mínimo às diretrizes curriculares: os estágios na formação do psicólogo. *Psicologia em Revista*, 20(3), 494-512.
- Daniels, L. (Diretor) (2009). *Preciosa: Uma história de esperança* (Filme). Estados Unidos: PlayArte Pictures. Cor. 109 min. Dublado (Título original: *Precious: Based on the Novel 'Push' by Sapphire*)
- Dayton, J., & Faris, V. (Diretores) (2006). *Pequena Miss Sunshine* (Filme). Estados Unidos: Fox Films. Cor. 100 min. Dublado (Título original: *Little Miss Sunshine*)

- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Duarte, S. J. H., Mamede, M. V., & Andrade, S. M. O. (2009). Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: representações sociais e discurso do sujeito coletivo. *Saúde e Sociedade*, 18(4), 620-626.
- Falceto, O. G., & Waldemar, J. O. C. (2013). O ciclo vital da família. In C. L. Eizirik., & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 95-110). Porto Alegre: Artmed.
- Feitosa, M. A. G. (1999). Desafios para a implantação dos novos currículos de psicologia à luz das diretrizes curriculares. *Temas em Psicologia*, 7(3), 235-243.
- Felippi, G., & Itaquí, L. G. (2015). Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. *Pensando Famílias*, 19(1), 105-113.
- Féres-Carneiro, T. (2014). Construindo saberes em Psicologia: o desafio de articular diferentes teorias e práticas. *Temas em Psicologia*, 22(4), 953-964.
- Féres-Carneiro, T., Lisboa, A. V., & Magalhães, A. S. (2011). Transmissão psíquica geracional familiar no adoecimento somático. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(2), 102-113.
- Féres-Carneiro, T., Machado, R. N., Mello, R., & Magalhães, A. S. (2017). Práticas de nomeação nas relações familiares contemporâneas. *Revista da SPAGESP*, 18(1), 4-19.
- Figueiredo, M. Z. A., Chiari, B. M., & Goulart, B. N. G. (2013). Discurso do sujeito coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualiquantitativa. *Distúrbios da Comunicação*, 25(1), 129-136.
- Freud, S. (1996a). Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade outros trabalhos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1901-1905)

- Freud, S. (1996b). Duas histórias clínicas: o pequeno Hans e o homem dos ratos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (Vol. X). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1909)
- Freud, S. (1996c). Totem e tabu e outros trabalhos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913-1914)
- Gomes, I. C., & Levy, L. (2016). A psicanálise vincular e a preparação de crianças para a adoção: uma proposta terapêutica e interdisciplinar. *Contextos Clínicos*, 9(1), 109-117.
- Gomes, L. R. S., & Neves, A. S. (2016). A clínica de família: interrogações sobre o traumático, a dinâmica vincular e a violência como organizadores do grupo familiar. *Estilos da Clínica*, 21(1), 152-169.
- IBGE (2010). *Vamos conhecer o Brasil. Famílias*. Brasília: Autor. Recuperado de <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/familias-e-domicilios.html>
- Japur, M. (1994). Formação em psicologia: a perspectiva da carta de Serra Negra. *Paidéia* (7), 42-55.
- Jonze, S. (Diretor) (2013). *Her* (Filme). Estados Unidos: Sony Pictures. Cor. 126 min. Dublado (Título Original: Her)
- Lisboa, A. V., & Féres-Carneiro, T. (2015). Acontecimentos significativos na história geracional e sua relação com somatizações na família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 65-72.
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 29(4), 718-737.
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2014). Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto & Contexto Enfermagem*, 23(2), 502-507.
- Luckey, B. (Diretor) (2003). *Pular* (Curta-metragem). Estados Unidos: Disney/Pixar. Cor. 4,40 min. Dublado (Título original: *Boudin'*).

- Martinez, A. L. M., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 175-185.
- Muylaert, A. (Diretora) (2015). *Que horas ela volta?* (Filme). Brasil: Pandora Filmes. Cor. 110 min.
- Negreiros, T. C. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 34-47.
- Pellenz, A. (Diretor) (2013). *Minha mãe é uma peça* (Filme). Brasil: Downtown Filmes. Cor. 85 min.
- Pereira, T. T. S. O. (2013). Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção. *Revista da SPAGESP*, 14(1), 21-29.
- Pichon-Rivière, E. (2009). *O processo grupal* (8ª ed.). (M. S. Gonçalves, & M. A. F. Velloso, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1983).
- Ramsay, L. (Diretora) (2012). *Precisamos falar sobre o Kevin* (Filme). Estado Unidos e Reino Unido: Paris Filmes. Cor. 110 min. Dublado (Título original: *We Need to Talk About Kevin*)
- Reitman, J. (Diretor) (2008). *Juno* (Filme). Estados Unidos: Paris Filmes. Cor. 91 min. Dublado. (Título original: *Juno*)
- Renaud, C. & Coffin, P. (Diretores) (2010). *Meu malvado favorito* (Filme). Estados Unidos: Universal Pictures. Cor. 95 min. Dublado (Título original: *Despicable Me*)
- Rodriguez, B. C., & Gomes, I. C. (2012). Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 29-36.
- Rodriguez, B. C., Gomes, I. C., & Oliveira, D. P. (2017). Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(1), 135-150.

- Rodriguez, B. C., Merli, L. F., Gomes, I. C. (2015). Um estudo sobre a representação parental de casais homoafetivos masculinos. *Temas em Psicologia, 23*(3), 751-762.
- Rodriguez, B. C., & Paiva, M. L. S. P. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo - Revista do NESME, 1*(6), 13-27.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. (1ª ed.). (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Santeiro, T. V., Santeiro, F. R. M., Souza, A. M. O., Juiz, A. P. M., & Rossato, L. (2014). Processo grupal mediado por filmes: espaço e tempo para pensar a Psicologia. *Revista da SPAGESP, 15*(1), 95-111.
- Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2016). The L Word – Discussões em torno da parentalidade lésbica. *Psicologia: Ciência & Profissão, 36*(1), 101-115.
- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão & Crítica, 26*(3), 572-582.
- Scarcelli, I. R., & Junqueira, V. (2011). O SUS como desafio para a formação em psicologia. *Psicologia: Ciência & Profissão, 31*(2), 340-357.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2014). De que substância é feito o amor? A construção da conjugalidade em Guimarães Rosa. *Revista Subjetividades, 14*(1), 17-28.
- Sei, M. B., & Zuanazzi, A. C. (2016). A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. *Psicologia Clínica, 28*(2), 89-108.
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: CRV.
- Silveira, C. A. B., & Ribeiro, E. F. (2015). Grupos operativos e a formação de psicólogos: Relato de experiência na graduação. In T. V. Santeiro & G. M. A. Rocha (Orgs.) *Clínica de orientação psicanalítica: Compromissos, sonhos e inspirações no processo de formação* (pp.81-95). São Paulo: Vetor.

Tubert-Oklander, J., & Tubert, R. H. (2004). *Operative groups: the latin-american approach to group analysis*. London: Jessica Kingsley Publishers.

Vitorello, M. A. (2011). Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor? *Psicologia da Educação*, (32), 7-24.

Yamamoto, O. H., & Costa, A. L. F. (Orgs.) (2010). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*. Natal: EDUFRN.

Anexos

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Maiores de Idade

Título do Projeto: **Representações de família por estudantes calouros de psicologia**

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado (a) a participar do estudo **Representações de família por estudantes calouros de psicologia** por ter ingressado no curso de psicologia e ser calouro. Os avanços na área das ciências ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é compreender quais são as representações de estudantes calouros de psicologia sobre famílias, e caso você participe, será necessário responder a uma entrevista e participar de encontros grupais semanais de discussão e reflexão sobre esta temática. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida. Espere-se que o(s) benefício(s) decorrente(s) da participação nesta pesquisa seja(m) proporcionar um espaço para contribuir para sua formação em psicologia e ampliar seus conhecimentos sobre as diferentes configurações familiares e contextos que esta instituição se insere, desenvolver a capacidade de reflexão e crítica, aprender sobre como ocorre uma dinâmica grupal através da participação, lidar com aspectos do sigilo do processo grupal, desenvolvimento da capacidade de escuta, entre outras competências que possam surgir durante o desenvolvimento das atividades.

Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número ou por outro código.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: **Representações de família por estudantes calouros de psicologia**

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo. Receberei uma via deste Termo.

Uberaba,//.....

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

Documento de Identidade

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador/estudante

Telefone de contato do pesquisador:

Tales Vilela Santeiro: (34) 997753127 ou talessanteiro@hotmail.com

Telefone de contato do pesquisador/estudante:

Lucas Rossato: (34) 999407177 ou lucas_2007_rossato@yahoo.com.br

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo telefone 3318-5776.

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Menores de Idade

Título do Projeto: **Representações de família por estudantes calouros de psicologia**

TERMO DE ESCLARECIMENTO

A (O) adolescente sob sua responsabilidade está sendo convidada (o) a participar do estudo **Representações de família por estudantes calouros de psicologia**, por ter ingressado no curso de psicologia e ser calouro. Os avanços na área das ciências ocorrem através de estudos como este, por isso a participação do adolescente é importante. O objetivo deste estudo é compreender quais são as representações de estudantes calouros de psicologia sobre famílias e caso o adolescente participe será necessário responder a uma entrevista e participar de encontros grupais semanais de discussão e reflexão sobre esta temática. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco à vida do adolescente. Espera-se que o(s) benefício(s) decorrente(s) da participação nesta pesquisa seja(m) proporcionar um espaço para contribuir para a formação em psicologia e ampliar os conhecimentos sobre as diferentes configurações familiares e contextos que esta instituição se insere, desenvolver a capacidade de reflexão e crítica, aprender sobre como ocorre uma dinâmica grupal através da participação, lidar com aspectos do sigilo do processo grupal, desenvolvimento da capacidade de escuta, entre outras competências que possam surgir durante o desenvolvimento das atividades.

Você e o adolescente sob sua responsabilidade poderão obter todas as informações que quiserem; o adolescente poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela participação do adolescente no estudo, você nem o adolescente receberão qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. O nome da do adolescente não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ele será identificado por um número ou por outro código.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: **Representações de família por estudantes calouros de psicologia**

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual o adolescente sob minha responsabilidade será submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que eu e o adolescente sob minha responsabilidade somos livres para interromper a participação dele na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada. Sei que o nome do adolescente não será divulgado, que não teremos despesas e não receberemos dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com a participação do adolescente no estudo, desde que ele também concorde. Por isso ele assina junto comigo este Termo de Consentimento. Após assinatura, receberei uma via deste documento.

Uberaba,/...../.....

Assinatura do responsável legal

Documento de Identidade

Assinatura do adolescente

Documento de Identidade

Assinatura do pesquisador orientador

Assinatura do pesquisador/estudante

Telefone de contato do pesquisador responsável: Tales Vilela Santeiro (34) 997753127 ou talessanteiro@hotmail.com

Telefone de contato do pesquisador/estudante: Lucas Rossato – (34) 999407177 ou lucas_2007_rossato@yahoo.com.br

Em caso de dúvida em relação a este documento, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3318-5776.

Anexo C – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA POR CALOUROS DE PSICOLOGIA EM PROCESSOS GRUPAIS MEDIADOS POR FILMES

Pesquisador: Tales Vilela Santeiro

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51495515.5.0000.5154

Instituição Proponente: Universidade Federal do Triangulo Mineiro

Patrocinador Principal: FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.401.863

Apresentação do Projeto:

Ao analisarmos a família sob uma perspectiva longitudinal, poder-se-á perceber que ela assumiu diferentes configurações desde o princípio (Lévi-Strauss, 1956), ou seja, o que chamamos de famílias modernas já existiram no passado, porém não tinham visibilidade. Se voltarmos no tempo perceberemos que as diferenciações em relação aos modelos familiares encontrados hoje dos encontrados na antiguidade se referem aos significados atribuídos aos papéis que cada sujeito assume na família, como visto em Roudinesco (2003) quando a autora analisa as funções dos membros da família e apresenta as transformações das figuras paterna/materna/filhos que acabaram reconfigurando os modos de ver a família. As representações de família podem sofrer variações dependendo do enfoque utilizado na observação e da perspectiva cultural que influencia na configuração e nos arranjos familiares. De um ponto de vista antropológico, podemos observar a família sob a perspectiva de Lévi-Strauss (1956), autor que proporciona reflexões e discussões a respeito das diferentes configurações assumidas pela família ao longo dos séculos e em diferentes culturas, mostrando ao leitor que a ideologia de que nossa sociedade é mais evoluída acabou por colocar outros modelos de família, que não o da família nuclear e burguesa, como não sendo legitimados como tal, ou como modelos rudimentares de família, dando um sentido de menos valia a estas configurações que se

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia **CEP:** 38.025-100
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3318-5776 **Fax:** (34)3318-5776 **E-mail:** cep@pesqpg.uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 1.401.863

diferenciavam do padrão institucionalizado.

A família tem sido observada de maneira ampla por estudiosos e apresentadas em estudos que adotam diversas perspectivas epistemológicas sendo que o enfoque em determinados momentos ocorre no sentido de estabelecer quais são as relações da família com outras instituições, ou seja, em um nível sociocomunitário (Dessen & Polônia, 2007; Eizirik & Bassols, 2013; Féres-Carneiro, 2011), e em outros discorre sobre as relações entre os membros da família que podem ser desde relações de cuidado até o estabelecimento de contextos de violência (Araújo, 2002; Batista & Teodoro, 2013; Bielemann, 2003). Neste sentido, ao considerá-la agência socializadora e responsável pela criação de vínculos de afeto e como instituição que permeia a maior parte das relações humanas, percebemos que a família não é objeto de estudo somente da psicologia, mas também de outros campos do saber como a arte, as ciências humanas e a saúde (Scorsolini-Comin & Santos, 2012).

O conceito de família não é unívoco, não é uma expressão que possa ser conceituada de maneira exata, uma vez que o número elevado de variáveis ambientais, sociais, econômicas e culturais, entre outros, que delimitam o que vem a ser esta instituição acabam gerando diferentes modelos familiares (Osório, 2013). Ou seja, esta formulação do que se conhece por família pode sofrer diferenciações dependendo da perspectiva teórica/epistemológica do pesquisador que a observa e a descreve.

As constantes transformações a que a família está propensa levam a configuração de modelos familiares diversificados. O número constante de divórcios, de recasamentos, os rituais de passagem, mudanças nas relações de poder, mudanças nos papéis familiares assumidos, influências econômicas e sociais, e outras características que estão presentes em praticamente todas as sociedades são alguns aspectos que merecem atenção na contemporaneidade (Falceto & Waldemar, 2013).

A formação em psicologia requer dos estudantes a capacidade de refletir sobre temas que são relevantes e caros a formação profissional e que muitas vezes referem-se a aspectos de suas próprias realidades, como é o caso da família. Lidar com determinadas temáticas requer o desenvolvimento de habilidades, como a empatia, a capacidade de manter sigilo profissional, de lidar com o sofrimento psíquico do outro, ao mesmo tempo em que se confronta com aspectos de suas próprias vivências que devem ser preservadas pelo distanciamento (neutralidade, abstinência e anonimato).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia (Brasil, 2011) preveem que a formação destes profissionais seja orientada para o entendimento dos múltiplos

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia **CEP:** 38.025-100
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3318-5776 **Fax:** (34)3318-5776 **E-mail:** cep@pesqpg.uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 1.401.863

referenciais que buscam compreender os fenômenos psicológicos dos sujeitos e suas intercessões com aspectos biológicos e sociais, além de terem a capacidade de visualizarem os fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do país que são fundamentais para o exercício da profissão. É esperado ainda que estes estudantes sejam capacitados para atuarem em diferentes setores da sociedade, tendo em vista as necessidades da população, por meio da promoção da qualidade de vida de indivíduos, grupos, organizações e comunidades.

Considerando que a formação em psicologia requer a atuação em áreas que estabelecem relações diretas com a instituição familiar ou com os diversos setores com que ela se relaciona e exerce influência, processos grupais podem ser uma alternativa viável para a compreensão das inúmeras possibilidades de constituição, contextos e funções familiares na atualidade, ampliando o entendimento dos futuros profissionais a respeito desta temática. Compreender quais são os significados que estudantes de psicologia constroem sobre esta instituição mostra-se pertinente para que a formação seja orientada no sentido de expor os inúmeros significados que a família pode assumir no presente.

sendo legitimados como tal, ou como modelos rudimentares de família, dando um sentido de menos valia a estas configurações que se diferenciavam do padrão institucionalizado.

A família tem sido observada de maneira ampla por estudiosos e apresentadas em estudos que adotam diversas perspectivas epistemológicas sendo que o enfoque em determinados momentos ocorre no sentido de estabelecer quais são as relações da família com outras instituições, ou seja, em um nível sociocomunitário (Dessen & Polônia, 2007; Eizirik & Bassols, 2013; Féres-Carneiro, 2011), e em outros discorre sobre as relações entre os membros da família que podem ser desde relações de cuidado até o estabelecimento de contextos de violência (Araújo, 2002; Batista & Teodoro, 2013; Bielemann, 2003). Neste sentido, ao considerá-la agência socializadora e responsável pela criação de vínculos de

Ao analisarmos a família sob uma perspectiva longitudinal, poder-se-á perceber que ela assumiu diferentes configurações desde o princípio (Lévi-Strauss, 1956), ou seja, o que chamamos de famílias modernas já existiram no passado, porém não tinham visibilidade. Se voltarmos no tempo perceberemos que as diferenciações em relação aos modelos familiares encontrados hoje dos encontrados na antiguidade se referem aos significados atribuídos aos papéis que cada sujeito assume na família, como visto em Roudinesco (2003) quando a autora analisa as funções dos membros da família e apresenta as transformações das figuras paterna/materna/filhos que

Endereço: Rua Madre Maria José, 122

Bairro: Nossa Sra. Abadia

CEP: 38.025-100

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3318-5776

Fax: (34)3318-5776

E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 1.401.863

acabaram reconfigurando os modos de ver a família.

As representações de família podem sofrer variações dependendo do enfoque utilizado na observação e da perspectiva cultural que influencia na configuração e nos arranjos familiares. De um ponto de vista antropológico, podemos observar a família sob a perspectiva de Lévi-Strauss (1956), autor que proporciona reflexões e discussões a respeito das diferentes configurações assumidas pela família ao longo dos séculos e em diferentes

afeto e como instituição que permeia a maior parte das relações humanas, percebemos que a família não é objeto de estudo somente da psicologia, mas também de outros campos do saber como a arte, as ciências humanas e a saúde (Scorsolini-Comin & Santos, 2012).

Objetivo da Pesquisa:

1. Compreender quais são as representações de estudantes calouros de psicologia sobre famílias.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Acredita-se que a pesquisa não vá oferecer nenhum risco significativo (danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano) para os participantes desse estudo, visto que a mesma somente quer levantar as representações sobre família dos participantes e o grupo será conduzido por discussões onde o participante poderá falar e ser ouvido, ou mesmo manter-se em silêncio. O pesquisador deverá garantir a confidencialidade dos voluntários participantes da pesquisa por meio do uso de nomes fictícios e alteração de todas as características descritivas desses participantes que possam identificá-los, tais como nome da cidade e local de trabalho no momento de apresentar os dados. Mesmo não correndo nenhum risco significativamente aparente em participar desta pesquisa, como o conteúdo abordado refere-se a família, ele pode trazer algum tipo de desconforto psicológico uma vez que pode despertar sentimentos das vivências familiares dos pesquisados. Caso aconteça de o participante experimentar algum tipo de desconforto, poderá conversar com o pesquisador responsável que ofertará acolhimento imediato. Se necessário, será oferecida a possibilidade de receber atendimento psicológico a cargo de um profissional por ele indicado, vinculado ao Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CEPPA-UFTM). Serão garantidos todos os direitos aos participantes, caso algum desconforto seja gerado.

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia **CEP:** 38.025-100
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3318-5776 **Fax:** (34)3318-5776 **E-mail:** cep@pesqpg.uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 1.401.863

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa coerente com o protocolo do CEP/UFTM, com a Resolução 466/12 e Norma Operacional 001/13, de acordo com o colegiado na reunião do dia 29/01/16.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Coerente com o protocolo do CEP/UFTM de acordo com o colegiado na reunião do dia 29/01/16;

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 e norma operacional 001/2013, o CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto em reunião do colegiado dia 29/01/2016. Ainda, de acordo com as orientações da CONEP, após a aprovação do projeto pelo CEP, o pesquisador deve notificar na página da plataforma Brasil, o início do mesmo, bem como apresentar relatórios parciais (semestrais) e final.

A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFTM dá-se em decorrência do atendimento à Resolução CNS 466/12, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_617238.pdf	17/01/2016 22:32:46		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CEPPA.pdf	17/01/2016 22:30:09	Tales Vilela Santeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Projeto_TCLE_Menores.doc	17/01/2016 22:25:39	Tales Vilela Santeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Projeto_TCLE_Maiores.doc	17/01/2016 22:25:24	Tales Vilela Santeiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Protocolo_UFTM.doc	17/01/2016 22:24:57	Tales Vilela Santeiro	Aceito
Outros	Projeto_ROTIEIRO_DE_ENTREVISTA.docx	01/12/2015 19:36:30	Lucas Rossato	Aceito

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia **CEP:** 38.025-100
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3318-5776 **Fax:** (34)3318-5776 **E-mail:** cep@pesqpg.uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 1.401.863

Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	17/11/2015 10:59:27	Lucas Rossato	Aceito
----------------	--------------------	------------------------	---------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERABA, 03 de Fevereiro de 2016

Assinado por:
Marly Aparecida Spadotto Balarin
 (Coordenador)

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia **CEP:** 38.025-100
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3318-5776 **Fax:** (34)3318-5776 **E-mail:** cep@pesqpg.uftm.edu.br